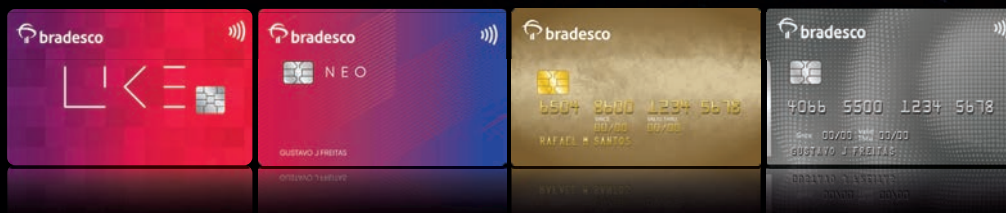
ELEIÇÕES ALTERNATIVA PARA O INGRESSO DE MULHERES E MINORIAS NA POLÍTICA, AS CANDIDATURAS COLETIVAS GANHAM ESPAÇO NAS ESTRUTURAS PARTIDÁRIAS

UCRÂNIA DESGASTADO PELA LONGA GUERRA, PUTIN REPETE A AMEAÇA NUCLEAR E CONVOCA RESERVISTAS. O OCIDENTE PROMETE NOVAS SANÇÕES

MANICÔMIO BRASIL

DIANTE DA DERROTA IMINENTE, BOLSONARO JOGA A ÚLTIMA CARTADA NAS *FAKE NEWS* E VOLTA A ENVERGONHAR O PAÍS AOS OLHOS DO MUNDO

Cliente Bradesco tem 20% de desconto e parcelamento em até 6x sem juros nos ingressos.

Entre nós,
você vem
primeiro.

CartaCapital

28 DE SETEMBRO DE 2022 • ANO XXVIII • Nº 1227

Escândalos da gestão de Cláudio Castro dão novo fôlego à campanha de Freixo. Pág. 26

Seu País

Economia

Nosso Mundo

Plural

MÁRCIO MENASCE E DERRICK CEYRAC/AFP

Capa: Pilar Velloso. Foto: Chip Somodevilla/ Pool/AFP

CENTRAL DE ATENDIMENTO FALE CONOSCO: HTTP://ATENDIMENTO.CARTACAPITAL.COM.BR

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta
REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITORES: Ana Paula Sousa, Carlos Drummond, Mauricio Dias e William Salasar
REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal
REPÓRTERES: Fabíola Mendonça (Recife), Mariana Serafini e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva
DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich
FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
REVISOR: Hassan Ayoub
COLABORADORES: Afonsinho, Alberto Villas, Aldo Fornazieri, Antonio Delfim Netto, Boaventura de Sousa Santos, Cássio Starling Carlos, Celso Amorim, Ciro Gomes, Claudio Bernabucci (Roma), Djamila Ribeiro, Drauzio Varella, Emmanuele Baldini, Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galípolo, Guilherme Boulos, Hélio de Almeida, Jaques Wagner, José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila, Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Arraes, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel, Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Sérgio Martins, Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano

CARTA ON-LINE
EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira
EDITORES: Alisson Matos e Brenno Tardelli
EDITOR-ASSISTENTE: Leonardo Miazzo
REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação), Camila Silva, Getulio Xavier, Marina Verenicz e Victor Ohana
VÍDEO: Carlos Melo (Produtor)
VIDEOMAKER: Natalia de Moraes
ESTAGIÁRIOS: Beatriz Loss, Caio César e Sebastião Moura
SITE: www.cartacapital.com.br

basset editora
EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação 881, 10º andar. CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Demetrios Santos
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene
ANALISTA DE CIRCULAÇÃO: Ismaila Alves
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: EdiCase Gestão de Negócios
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Enio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660, enio@gestaodenegocios.com.br
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Firbraz Serviços Contábeis Ltda. Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001. www.firbraz.com.br, Telefone (11) 3463-6555
CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584, de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: http://Atendimento.CartaCapital.com.br
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: avulsas@cartacapital.com.br

CARTAS CAPITAIS

CARTA PARA CIRO

Ciro Gomes perde tempo com xingamentos a Lula. Ele precisa mostrar a qualidade de seu projeto de governo para o País.
Maria Maurice

Ciro Gomes não é Eduardo Campos. O falecido candidato à Presidência de 2014 seria o sucessor de Dilma Rousseff, tivesse esperado um pouco mais. Sua morte alçou Marina Silva à cabeça da chapa e, depois, ao vergonhoso apoio a Aécio Neves, resultando em tudo o que aconteceu depois, do golpe ao governo temerário e, por fim, no pandemônio. O atual candidato do PDT segue trilha divergente sem a necessidade de uma tragédia pessoal, colocando-se como mais bolsonarista do que muitos dos adeptos do ex-capitão. Mino Carta redigiu uma elegante carta, mas, na minha modesta opinião, os ouvidos moucos de Ciro não se importam e ele contribui para forçar, agora, um tenebroso segundo turno.
Adilson Roberto

Ciro Gomes desrespeita os progressistas que, como eu, tentaram colocá-lo no segundo turno em 2018 por ter mais chances de derrotar Bolsonaro. A situação agora é totalmente inversa, e da forma como ele age, acaba com qualquer possibilidade de eliminarmos o risco em primeiro turno.
André Luiz

CIRO E OS ELEITORES

A atual postura de Ciro estimula o próprio eleitor a não votar nele. É perceptível que a campanha dele, hoje, só serve para levar o ex-capitão ao segundo turno.
Cenira Carreira

Saudade do PDT de Brizola e Darci Ribeiro. Ciro Gomes só nos envergonha neste triste final de carreira.
Lúcia Fonseca

AMIGO OCULTO

Bolsonaro e seus aliados são da mesma laia. Destruição do meio ambiente, armamentismo, veneno a rodo e corrupção são as suas bandeiras. Ninguém aguenta mais tanta insanidade. O povo brasileiro merece paz e um futuro digno.
Mário Ferreira

Bolsonaro perde aliados a cada dia. O barco afundou, mas ainda é tempo de pular.
Ivo Seefeldt

SOB A ÉGIDE DO MEDO

Já era esperada a truculência dos apoiadores de Bolsonaro contra Lula. O amor vencerá o ódio em outubro.
Maria de Lourdes

O medo da fome, que bate à porta, supera a violência política e dará a vitória a Lula no primeiro turno.
José Santana

O RESGATE DO POVO

Votar em Olívio Dutra, mais que um ato de cidadania, também é resgatar a prática da boa política sem os conchavos do toma lá, dá cá. É resgatar um grande homem que tem uma história de vida na política, mas que sempre fez questão de agir com transparência e muita humildade.
Breno Soares

JÁ ENVELHECEU?

Esta "nova política" é tão podre e suja quanto a velha. O problema nunca foi a política, e sim os políticos que elegemos.
James dos Santos

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

A Semana

Terras indígenas devastadas

A área de extração ilegal de madeira em territórios indígenas no Pará aumentou 11 vezes em um período de 12 meses. A área desmatada aumentou de 158 hectares, no período de agosto de 2019 a julho de 2020, para 1.720 hectares, entre agosto de 2020 e julho de 2021. A alta é de quase 1.000%. Os dados foram divulgados pela Rede Simex, integrada por quatro organizações ambientais: o Imazon, o Idesam, o Imaflora e o Instituto Centro de Vida.

Cercadinho/

O "apoiador *fake*" do capitão

Publicitário foi contratado para fazer pergunta ensaiada a Bolsonaro

O publicitário Beto Viana afirmou, em entrevista à *Folha de S.Paulo*, ter sido contratado para ser um "apoiador *fake*" de Jair Bolsonaro e fazer uma pergunta ensaiada no cercadinho do Palácio da Alvorada. As instruções teriam sido repassadas por uma pessoa de nome Anderson, do Foco do Brasil, canal criado por Anderson Azevedo Rossi, com mais de 2,9 milhões de inscritos no YouTube. "Ele falou: 'Vou mandar a pergunta aí no WhatsApp e você faz pra ele.
Se qualquer outro apoiador for falar com o presidente, você corta porque o presidente está esperando essa pergunta sua'. Aí ele mandou o texto do jeitinho que era pra eu falar", relatou Viana.

Em sua primeira missão, em 13 de abril de 2020, o apoiador *fake* infiltrou-se no cercadinho para perguntar se o presidente havia assistido, na noite anterior, à entrevista do então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta. "Eu não assisto a Globo", respondeu de pronto o ex-capitão, declaração de impacto repercutida à exaustão pelas milícias digitais bolsonaristas. Três dias depois, Mandetta foi demitido.

"Imaginei que ele ia falar da entrevista e tal, porque, no meu ponto de vista, seria uma pergunta de imprensa, mas era uma pergunta para ele poder 'mitar'. Aí ele 'mitou'", diz Viana. Naquele mesmo dia, ele recebeu uma transferência bancária de 1,1 mil reais em nome de "Folha do Brasil Negócios Digitais", antigo nome do Foco do Brasil. Segundo o apoiador *fake*, tratava-se de um adiantamento de seu salário de 2 mil reais. Como o vídeo viralizou e seu rosto ficou conhecido, Viana acabou dispensado pouco depois. Hoje, ele trabalha como motorista de aplicativo.

A curta carreira rendeu a Viana 1,1 mil reais

O Foco do Brasil, convém lembrar, figurou entre os alvos de busca e apreensão da Polícia Federal em julho de 2020, no âmbito da investigação dos atos antidemocráticos. Em depoimento à PF, Anderson Rossi disse que era o único dono do *site* e parte dos vídeos era cedida pelo então assessor especial da Presidência Tércio Arnaud Tomaz.

Procurador de estimação de Bolsonaro, Augusto Aras solicitou o arquivamento da investigação, mas o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, utilizou o material reunido pela PF para abrir outro inquérito, sobre as "milícias digitais", ainda em andamento.

Violência política/ Extremistas à solta

Isa Penna é ameaçada de morte e pede investigação à Procuradoria Regional Eleitoral

A deputada estadual Isa Penna apresentou, na segunda-feira 19, uma representação na Procuradoria Regional Eleitoral em São Paulo para pedir a investigação de uma ameaça de morte recebida por *e-mail*. No texto, o agressor "exige" que o mandato de Douglas Garcia, do Republicanos, não seja cassado e que, em vez disso, a parlamentar do PCdoB renuncie, caso contrário ele vai "invadir a Assembleia Legislativa e fazer um massacre".

Garcia é o deputado bolsonarista que hostilizou a jornalista Vera Magalhães, após um debate entre candidatos ao governo de São Paulo. Não se trata de uma ameaça anônima. O texto é assinado por Emerson Eduardo Rodrigues Setim, preso pela Polícia Federal, em 2012, por manter um *site* com publicações racistas, misóginas e homofóbicas. Em 2019, o extremista também esteve envolvido em ameaças de morte contra o então deputado Jean Wyllys. Neste ano, Isa Penna disputa uma vaga na Câmara Federal.

A deputada surpreendeu-se com a mensagem assinada

David Miranda retira candidatura

O Tribunal Superior Eleitoral homologou a retirada da candidatura do deputado federal David Miranda, que concorria à reeleição pelo PDT do Rio de Janeiro. Internado desde o dia 6 de agosto com quadro grave de infecção gastrointestinal, ele não conseguiu fazer campanha desde o início do período eleitoral. A renúncia foi anunciada pelo jornalista Glenn Greenwald, marido do parlamentar. "Entendemos que muitos ficarão desapontados, mas esperamos que possam entender os nossos motivos e priorizar a recuperação de David", publicou Greenwald numa rede social.

Minas Gerais/ BICHO FEROZ

PM E CANDIDATO A DEPUTADO AGRIDE E AMEAÇA ADOLESCENTE COM ARMA

Leonardo Lúcio Morais, policial militar licenciado e candidato a deputado estadual em Minas Gerais, foi flagrado em vídeo ameaçando com uma arma de fogo e agredindo a pontapés um adolescente que derrubou uma bandeira de sua candidatura em Santa Luzia, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. As cenas foram registradas pela câmera de segurança de um bar, no qual o político do PTB estava no momento da ocorrência.

Nas imagens, Cabo Theo do Iscac, como se apresenta nas urnas, aponta uma pistola para o rapaz de 17 anos e ordena: "Pega a minha bandeira, pega a minha bandeira". O jovem pede desculpas e, nesse momento, leva um tapa no rosto e um chute. O adolescente recua, promete colocar a bandeira no local em que estava, mas o candidato prossegue desferindo pontapés e mantendo o garoto sob a mira da arma.

A Polícia Civil abriu investigação sobre o episódio e orientou a família do adolescente a levá-lo para fazer exame de corpo de delito. A Polícia Militar, por sua vez, recolheu a arma do candidato e instaurou um procedimento disciplinar para apurar a conduta do cabo licenciado.

O ataque de fúria foi motivado por uma bandeira eleitoral derrubada

MAURÍCIO GARCIA DE SOUZA/ALESP E REDES SOCIAIS

A Semana

Em um ano, EUA detêm 2 milhões de imigrantes

Pela primeira vez, o número de imigrantes ilegais detidos ao longo da fronteira sudoeste dos EUA ultrapassou a marca de 2 milhões em um ano, revelam dados recém-divulgados pelo governo Joe Biden. As apreensões na divisa com o México referem-se a 11 meses do ano fiscal de 2022, que termina em 30 de setembro. O número de deportações também foi recorde: mais de 1,3 milhão de pessoas foram expulsas do país. A nova onda migratória de venezuelanos, cubanos e nicaraguenses puxou a alta.

Itália/ Meloni perto do poder

O Fratelli D'Italia caminha para vencer as eleições

A Itália vai às urnas no domingo 25, em uma eleição antecipada pelos caprichos de Giuseppe Conte, líder do Movimento 5 Estrelas. A decisão de retirar o apoio ao equilibrado e bem-sucedido governo de Mario Draghi faz de Conte a encarnação moderna de Pandora: sua vaidade (ou inveja) abriu uma caixa fortemente selada desde o fim da Segunda Guerra Mundial. As pesquisas apontam a vitória do Fratelli D'Italia, legenda comandada pela jovem Giorgia Meloni, que reivindica a herança do fascismo em aliança com o Força Itália, do extravagante Silvio Berlusconi, e a Liga Norte, do estridente Matteo Salvini. Na campanha, Meloni, prestes a se tornar a primeira mulher a governar o país, suavizou o discurso e fixou-se em dois temas: o apoio financeiro às famílias e empresas para atenuar a inflação provocada pelo aumento dos preços dos combustíveis e dos alimentos e o combate ao que considera uma imigração "desenfreada estimulada pela esquerda". Do outro lado, no centro-esquerda, imperou o cada um por si. Enrico Letta, do Partido Democrático, não conseguiu negociar uma frente ampla para enfrentar a ameaça extremista.

O democrata tem sido pressionado a repatriar presos no exterior

Diplomacia/ RELAÇÕES REATADAS

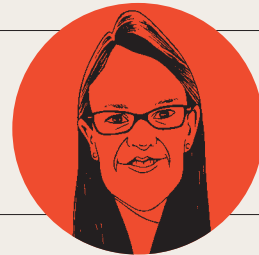
BIDEN ANUNCIA TROCA DE PRISIONEIROS COM O TALEBAN NO AFEGANISTÃO

Na segunda-feira 17, o presidente dos EUA, Joe Biden, anunciou uma troca de prisioneiros acertada com o regime Taleban no Afeganistão. Em poder dos afegãos desde 2020, o engenheiro norte-americano Mark Freirich foi repatriado, mediante a entrega de Bashir Noorzai, condenado à prisão perpétua nos EUA por tráfico internacional de heroína.

De acordo com o ministro das Relações Exteriores do Afeganistão, Amir Khan Muttaqi, a transferência de presos aconteceu em um aeroporto da capital afegã, Cabul. Em seu discurso, Biden não mencionou se concedeu perdão da pena ao narcotraficante afegão entregue ao Taleban. "O sucesso na negociação que libertou Mark Freirich dependeu de decisões difíceis, que não tomei de forma leve", disse o presidente.

A administração Biden está sob pressão de familiares de cidadãos norte-americanos presos no exterior e ampliou os esforços diplomáticos de repatriação. Um dos casos mais rumorosos é o da estrela de basquete Brittney Griner, presa na Rússia desde fevereiro. Ela foi condenada a nove anos de prisão após ser flagrada, em um aeroporto de Moscou, com um cigarro eletrônico com essência à base de maconha. A atleta alega que usa o óleo de *cannabis* para fins medicinais.

PIERO CRUCINATTI/AFP E BILL INGALLS/NASA

ESTHER SOLANO

Em defesa do voto útil

▶ Esta eleição é diferente de todas as outras. É tudo ou nada, vida ou morte

No Datafolha divulgado em 15 de setembro, Ciro Gomes aparece com 8% e Simone Tebet registra 5%.

Eis os dados. Uma grande diferença entre democratas e terraplanistas é que nós acreditamos na importância dos dados, na relevância de pesquisas metodologicamente robustas. Nós, os democratas, utilizamos dados para guiar nossas percepções políticas, escolhas e racionalidade. Nós, os democratas, sabemos da relevância que a ciência, a construção coletiva do conhecimento, deve ter na sociedade. Não é? Então, eis aí os dados. Os votos de Ciro e Simone, juntos, não chegam a 15%.

Sim, óbvio, também sabemos que política vai muito além dos dados. É paixão, tesão, afeto, ódio, ideologia, posicionamento, ressentimento, indiferença. É programa, propostas, ideias. Na verdade, política é tudo, porque a política é a representação da vida. Então, entendo perfeitamente os eleitores que ainda hoje enfatizam o voto em Ciro ou Simone. Boas-vindas a esses eleitores, em nome da saúde democrática, pois nada mais importante para uma democracia viva e saudável do que a pluralidade de projetos políticos.

Entendo também que uma parte desses eleitores, e talvez não seja inexpressiva, votará em Bolsonaro em um eventual segundo turno, porque o antipetismo fala mais alto do que qualquer outro afeto político. Não quero, no entanto, dialogar com eles. Não existe diálogo possível com quem não rejeita o monstro. Essa escolha não representa uma divergência política, mas uma divergência vital e o diálogo é impossível quando dois indivíduos estão separados por um abismo. Quero dialogar com os democratas. Com quem ainda hoje mantém seu voto em Ciro ou Simone, mas fica com o estômago revirado só de pensar na possibilidade de outra vitória de Bolsonaro. Eleitores de Ciro ou Simone que detestam o fascismo e o fascista no poder e que sabem que o Brasil tem muito a perder nestas eleições. Eleitores de Ciro ou Simone, que, embora não gostem do PT, sabem que entre a destruição e o petismo não há dúvida. Com eles gostaria muito de falar.

Amigos, por favor, eu lhes imploro, coloco-me de joelhos, o Brasil coloca-se de joelhos. Por favor, solto um grito de súplica: votem em Lula no primeiro turno. Por favor.

Vocês, democratas, sabem que esta campanha pelo voto útil é diferente das outras. Nem teria a coragem de suplicar o voto útil publicamente, se não fosse o fato de, nestas eleições, estarmos diante do tudo ou nada. É vida ou morte. E vocês sabem disso. Devolvamos à política um pouco da racionalidade perdida nos últimos anos. Sabem que a única chance de a gente se livrar do monstro é Lula. Os dados não podem ser mais expressivos. Aguardamos meses e meses para ver se a terceira via decolava. Não decola e o tempo corre. Não decola e não vai decolar. Vocês sabem disso. Vocês não gostam de Lula, não gostam do PT, pensam que Lula não merece uma segunda chance. Respeito e consigo entender sua posição, mas, vocês, os democratas, sabem que não temos outra chance. Se houvesse uma alternativa diferente, eu, como cientista, que tenho nos dados minha bússola de vida, seria a primeira a citá-la publicamente, mas não há. É Lula ou o monstro. E vocês, os democratas, detestam o monstro muito mais do que desgostam de Lula.

Sim, seria ideal viver num contexto em que todos tivéssemos a oportunidade de expressar nossa opinião política na urna, mas a verdade é que esse contexto não existe. Nosso contexto é da sobrevivência. Nosso contexto é o de tentar, desesperadamente, devolver um mínimo de dignidade a um país que não suporta mais tanto desrespeito.

Vocês, os democratas que pensam em votar em Ciro ou Simone, se sentem realmente confortáveis diante de um cenário de segundo turno entre Lula e Bolsonaro? Confesso publicamente: me enche de terror essa possibilidade. Em um segundo turno, a máquina bolsonarista vai ser um instrumento de horror, de ataques, de pânico moral e nem todo mundo conseguirá resistir a essas acometidas violentas. Em um segundo turno, o risco é elevadíssimo.

Então, por favor, democratas que ainda pensam em votar em Ciro ou Simone, a vocês dirijo este artigo, com todo respeito e humildade, sem desmerecer os candidatos. Imploro de novo. Vocês têm um papel histórico. Em um segundo turno, as portas das trevas se abrem. Por favor. •

redacao @cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

INTÉRPRETE DE SI MESMO

BOLSONARO É O ATOR QUE ESCOLHE SEU PRÓPRIO PAPEL

por MINO CARTA

CartaCapital tem por Lula o afeto de uma longa amizade, mas discorda da política da conciliação por ele praticada quando, na nossa opinião, sem confronto o Brasil não resolverá o seu maior problema, a condição de o segundo mais desigual do mundo, a criar um desequilíbrio social monstruoso, adverso à prática da democracia digna de um país contemporâneo do mundo. Donde nosso tradicional apoio a Lula no combate à candidatura de Bolsonaro nas eleições já iminentes, conforme estabelecido pelo calendário aplicado depois do *impeachment* de Dilma Rousseff e da tomada do poder pelo usurpador Michel Temer.

A prioridade absoluta ainda é a derrota do energúmeno demente que nos governa e nos envergonha. Impávido, o ex-capitão

Livre-nos do Mal, mas, por favor, abandone uma ideia falida

Paramentados para as exéquias da rainha Elizabeth

JONATHAN HORDLE/PA/FC&DO E MIGUEL SCHINCARIOL/AFP

leva mundo afora seu sorriso alvar. O bestialógico que ele pronuncia diante de plateias importantes tornou-se chacota entre os civilizados. Nesta pantomima grotesca, recomenda-se entender a presença, por trás da encenação, da certeza do dever cumprido, sintoma gritante da doença incurável do beócio-mor. Se a vitória de Lula vai significar o fim de Bolsonaro, de imediato que bem venha. Embora dela resulte um governo conciliador, nas circunstâncias de linha oposta à desejável.

O Brasil pagará por isso, mas, por enquanto, não há outra solução à vista. A conciliação é a sina do próprio País: não somos de briga por índole, conforme as regras do relacionamento entre casa-grande e senzala e sobrados e mocambos. Bolsonaro é uma metralhadora de mentiras, pronunciadas de cara lavada como mandam sua grosseria e ignorância, a produzirem a impressão acabrunhadora de que é quanto merecemos. Nova York esbaldou-se ao recebê-lo, a projetar a imagem do palhaço global em pontos vistosos da cidade. Ostentavam legendas ilustrativas, entre elas, lacônica e feroz: *Brazilian Shame*, Vergonha Brasileira. Comparado com ele, Donald Trump é um pensador refinado.

Mas há também quem, na escala do conhecimento humano, o catalogue abaixo dos lêmures de Madagáscar ou dos elfos dos bosques nórdicos. Reconheçamos, entretanto, a eficácia do desempenho da personagem chamada a interpretar o seu próprio papel, arcado com convicção e denodo. Tudo aquilo que possa parecer caco do ator consumado de verdade faz parte do rol soletrado com vigor. Entendamos, contudo, que o ex-capitão em hipótese alguma pretende desafiar o mundo: nada disso, ele traz à tona todos os maus hábitos, as sandices e a agressividade inútil da sua vida anterior de parlamentar destrambelhado.

Se o nosso presidente da República comete uma gafe diplomática imperdoável à luz do cerimonial e quase abraça o soberano do Reino Unido, ele passa a entender que a mesura é manifestação da nunca assaz louvada cordialidade brasileira. Tampouco hesita em convidar o chamado pastor Silas Malafaia a acompanhá-lo à cerimônia do enterro da rainha Elizabeth, ou a Nova York, já que lhe parece normal buscar a companhia de quem bem entende. A total falta de noção das circunstâncias de cada evento é algo absolutamente normal na visão do energúmeno, sintoma da sua doença incurável.

O ex-capitão tem uma visão peculiar a respeito do que compete a um presidente da República. Resta o fato: o Brasil o elegeu. Já o conhecia como parlamentar e o sabia inconfiável. Mesmo assim foi ele o escolhido, na ausência de um candidato mais convincente e ele, a manter o seu sorriso alvar, cumpriu a complexa tarefa de interpretar a si mesmo, sem maiores retoques. Como foi possível? Na falta de Lula, submetido aos delírios de Sergio Moro e Deltan Dallagnol, tardiamente condenados pelo STF, até então partícipe do golpe contra uma presidenta democraticamente eleita, no vácuo entrou o energúmeno demente, mesmo porque o País carecia do líder capaz de lhe abrir os olhos e a mente. Vítima é o povo brasileiro, refém da ignorância e da miséria. •

A ÚLTIMA CARTADA

EMPACADO NAS PESQUISAS E PERIGANDO SER DERROTADO NO PRIMEIRO TURNO, BOLSONARO APOSTA TODAS AS FICHAS NA DIFUSÃO EM MASSA DE *FAKE NEWS*

por FABÍOLA MENDONÇA

Em meados de setembro, viralizou nas redes sociais um vídeo em que os apresentadores do *Jornal Nacional*, William Bonner e Renata Vasconcellos, expõem o resultado de uma pesquisa eleitoral na qual o presidente Jair Bolsonaro, candidato à reeleição pelo PL, estaria liderando as intenções de voto com 46%, na frente do ex-presidente Lula, do PT, que teria 31%. As vozes dos dois jornalistas são praticamente idênticas às originais, a leitura labial idem, mas as informações são falsas. A adulteração foi possível graças a uma técnica com base na Inteligência Artificial que deu origem ao chamado *deepfake*. Esse recurso deve ser a bala de prata de Bolsonaro para tentar reverter a grande desvantagem eleitoral e angariar votos na reta final da campanha, uma aposta para levar a disputa para o segundo turno.

De fato, lançar mão da desinformação parece ser a última cartada do ex-capitão, uma vez que não deram certo a farra com dinheiro público para turbinar o Auxílio Brasil, a redução do preço dos combustíveis nem a derrama de recursos para atender ao orçamento secreto, iniciativas claramente eleitoreiras. A tentativa de demonizar Lula junto ao eleitorado evangélico também teve efeito limitado. Da mesma forma, o projeto golpista de Bolsonaro não angariou força suficiente para se consolidar, restando-lhe apenas a mentira ou meias-verdades como alternativas.

O falseamento do vídeo do *Jornal Nacional* é apenas uma mostra do que deve acontecer nos próximos dias, uma repetição da tática utilizada em 2018, quando houve um esquema de compartilhamento em massa de notícias falsas por aliados de Bolsonaro e financiado por empresários às vésperas do primeiro turno. A expectativa é de que haja uma enxurrada de materiais falsificados com o recurso do *deepfake* e da utilização do TikTok, plataforma capaz de introduzir mudanças em vídeos que se tornam imperceptíveis quando o material é compartilhado em outras redes sociais. "A gente esperava que o *deepfake* tivesse uma ascendência superior nos últimos meses, mas só agora constatamos um uso maior. A preocupação é de que isso se torne ainda mais agressivo nestes dias que estão faltando para a eleição", diz Ana Regina Rego, professora da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e coordenadora da Rede Nacional de Combate à Desinformação. Ela explica que a chinesa TikTok é uma plataforma fácil de ser manuseada, o que favorece a disseminação de *fake news*. "No TikTok, o vídeo fica marcado como adulterado, mas, quando ele corre para um aplicativo de mensagem, como o WhatsApp, perde essa marcação e, a partir daí, o risco é muito maior de que essa desinformação alcance um grande número de pessoas."

OS *DEEPFAKES* EMERGEM COMO NOVA AMEAÇA NAS ELEIÇÕES DESTE ANO

O possível aumento de engajamento de notícias falsas às vésperas do primeiro turno, na verdade, vai dar continuidade a um esquema iniciado antes mesmo das eleições de 2018, e que foi exaustivamente utilizado no governo de Jair Bolsonaro, que tem a mentira como marca registrada. Exemplo disso foi o discurso do presidente na Assembleia da ONU, em Nova York, na terça-feira 20, e da postura que adotou no auge da pandemia da Covid-19, quando a desinformação reinou abertamente. Não está sendo diferente no período eleitoral. Um levantamento realizado no primeiro mês de campanha pelo Radar Aos Fatos, em 578 comunidades do Telegram e 285 grupos do WhatsApp, revelou que *links* de *sites* bolsonaristas foram compartilhados ao menos 40.796 vezes. São páginas na internet com aparência jornalística, mas com textos e vídeos pautados pela desinformação e propaganda. Helena Martins, professora da Universidade Federal do Ceará e membro do Observatório das Eleições, chama atenção para o impulsionamento utilizado pelas redes do ex-capitão para turbinar as mensagens falsas. Ela acredita que essa estratégia deve ganhar mais força nos próximos dias e que a campanha de Bol-

ISAC NÓBREGA/PR

No cercadinho do Palácio da Alvorada, também há "apoiadores *fake*" do ex-capitão

sonaro deve tentar criar um fato novo para disputar o voto dos indecisos.

"Numa leitura mais ampla, a desinformação não se dá apenas com mentiras. Existe um ambiente informacional conturbado, de agressividade, de falsos discursos, que favorece determinada visão política. Sem dúvida, este é o período em que a gente precisa ficar muito atenta, porque vão atuar naquela desconfiança, numa *fake news* que tenha a ver com a realidade, mas que gere dúvidas, questionamentos. Que reacenda o antipetismo em algum grau." O ambiente informacional conturbado ao qual Martins se refere são os *sites* de extrema-direita que atuam de forma dissimulada, produzindo noticiário com pautas reais, com uma estética muito similar aos textos veiculados pela mídia, mas os conteúdos são descontextualizados e falseados. Dentre essas páginas na internet que servem de braço do bolsonarismo, o Brasil Paralelo está no ranking dos que mais impulsionam nas redes sociais da Meta, controladora do Facebook e do Instagram: foram mais de 513 mil reais apenas no primeiro mês de campanha.

"O financiamento é uma ponta do ecossistema de *fake news*, dentro de um ambiente de desinformação. Mas, no Brasil, a característica mais forte é a estrutura montada para a produção e disseminação de conteúdo, que é muito potente. Estamos falando de *sites* que têm uma organicidade de produção de conteúdo pseudojornalístico muito intensa. Esse conteúdo é primordial porque dialoga com as pessoas, toca na emoção. Isso é muito efetivo, cria uma predisposição a determinadas mensagens e indisposição a outras. Há uma série de questões e de temas sendo trabalhada nesses conteúdos que transmitem uma determinada visão de mundo. Ou seja, as *fake news* são construídas a partir de crenças, valores e certezas que todos nós temos", analisa a professora Eliara Santana, pesquisadora do Observatório das Eleições e do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

Lula busca conter os danos das mentiras espalhadas pelas milícias bolsonaristas aos evangélicos. Um vídeo do *Jornal Nacional* foi adulterado para divulgar o resultado de uma falsa pesquisa

A capacidade de produzir mensagens que mexem com o emocional das pessoas é facilmente reconhecida nas milícias digitais que compõem o gabinete do ódio bolsonarista. Uma das mais recentes investidas da campanha de Bolsonaro foi a criação e o impulsionamento de um *site* com ataques ao ex-presidente Lula, denominado Lulaflix. Embora o PT tenha entrado com uma ação junto ao TSE para retirar a página do ar e pedir o pagamento de multa por parte dos responsáveis, o tribunal manteve o funcionamento do *site* que é um verdadeiro mosaico com textos, fotos e vídeos contra o petista. O TSE proibiu apenas o impulsionamento da página.

Além de controlar *sites* pseudojornalísticos, o gabinete do ódio paga falsos apoiadores do presidente para encenar no cercadinho do Palácio da Alvorada, fazendo perguntas ensaiadas ao presidente, que, no momento da abordagem, já está com a resposta na ponta da língua. Foi o que aconteceu com o publicitário Beto Viana, que confessou à *Folha de S.Paulo* ter sido contratado pelo Foco do Brasil,

Nicaragua VotoImpressoJa AuditoriaNasUrnas
IntervecaoMilitar #FechadoComBolsonaro Supremo é o povo
AuditoriaNasUrnas CristaoDeEsquerda Pacto com o diabo
FechamentoDeIgrejas
Patria UrnasVioladas Possuído pelo demônio
William Bonner UrnasAuditáveis Comunista
DialogoCabuloso Deus PT_PCC Petrolão EscolaSemPartido
FFAA Malafaia STF KitGay #DitaduraDeToga Mensalão PIX
#BolsonaroTemRazão DataFraude
Xandão #DeusAcimaDeTodos Luladrão Molusco
DitaduraDoSTF IPEC_Lula ForçasArmadas Família #MeuPresidente MoraesDitador
Careca #BolsonaroReeleito 7deSetembro China Feminazi
#Venezuela IdeologiaDeGenero JornalNacional #GloboLixo

Em meio ao vasto léxico bolsonarista, uma avalanche de *fake news* requentadas

RICARDO STUCKERT E REPRODUÇÃO/TV GLOBO

canal bolsonarista com mais de 2,9 milhões de inscritos, para fazer esse serviço (*leia mais à pág. 6*).

Um segmento que tem muita aderência ao apelo emocional e é seduzido com mais facilidade pelas notícias falsas é o evangélico, um dos setores onde o presidente Bolsonaro aparece mais bem posicionado nas pesquisas. Desde 2019, o Coletivo Bereia realiza um monitoramento em ambientes digitais cristãos – católicos e evangélicos –, acompanhando *sites* gospel e mídias sociais de personagens do mundo religioso, incluindo influenciadores, artistas e políticos. Na eleição deste ano, a *fake news* mais recorrente ente os evangélicos é a da cristofobia, relacionando Lula ao demônio, acusando-o de, se eleito, perseguir os cristãos e fechar templos. Também consta nesse rol a tese de que um cristão não pode ser progressista. "Colocam um sentimento de culpa em pessoas que se identificam com a esquerda. Basta alguém defender os direitos humanos ou pautas progressistas para ser acusada de cometer pecado", explica Magali Cunha, uma das coordenadoras do Bereia. Ela acrescenta que esse movimento foi muito forte em 2018, teve espaço também no pleito de 2020, mas vem perdendo adesão nas eleições deste ano. "Perde força à medida que demandas como a sobrevivência se colocam mais fortes, especialmente entre mulheres, que são as cuidadoras das famílias e veem que a destruição de um lar não é só pela moralidade. Enxergam isso pelo desemprego, pelo alimento caro, pela falta de saúde, a Covid que matou tanta gente..."

"As pessoas de fé são marcadas por uma série de afirmações e ilações que são falsas, baseadas não em fatos pretéritos, mas em expectativas futuras. Quando vem alguém e fala 'Lula vai fechar igrejas', é uma *fake news* situada numa zona cinzenta onde você começa a fazer umas comparações. É mais difícil de combater, porque você tem de vir à tona e dizer 'eu não vou fechar igreja'. Daí, você já perdeu a briga, porque a briga é pautar esses temas. E se você não fala nada, parece que está passando recibo. Um dos argumentos que tem surgido entre os evangélicos é que Bolsonaro não é perfeito, mas foi o escolhido de Deus para este momento. É como se você não precisasse ter um candidato perfeito, mas votar naquele que está mais próximo das suas convicções. Isso não é necessariamente *fake news*, é desinformação. É uma coisa completamente fora de lugar, mas que gera um nível de engajamento emocional e prático muito grande nas redes. Tentam apelar para uma dimensão do simbólico e do sensível", opina João Brant, diretor do Instituto Cultura e Democracia e coordenador do projeto Desinformante.

A CAMPANHA DE LULA ESPERA UMA NOVA OFENSIVA DE DESINFORMAÇÃO NA SEMANA QUE ANTECEDE O PLEITO

Apesar do vasto léxico bolsonarista, em se tratando de desinformação e discurso do ódio, muitas das notícias falsas que circulam atualmente são requentadas de eleições passadas. O novo é realmente a utilização do *deepfake* e de plata-

formas como TikTok e Kwai, preferidas do público jovem. O fantasma do comunismo, comparações entre Lula e os governos da Venezuela, Cuba e Nicarágua, ataques às urnas eletrônicas e ao ministro Alexandre de Moraes e de que Lula e o PT têm ligação com o PCC continuam pautando as notícias falsas. Nos últimos dias, circulou nas redes sociais mais uma *fake news* requentada, um áudio de 2017 no qual o ex-presidente Lula estaria falando ao telefone com um interlocutor, sugerindo "acabar" com o ex-ministro Antonio Palocci. O diálogo mostra Lula irritado diante de uma falsa delação premiada do seu ex-assessor.

Embora reconheçam que a indústria da desinformação continua agindo em grande escala, os pesquisadores acreditam que a população está mais atenta, na comparação com as eleições de 2018. Ao mesmo tempo, o Judiciário está mais preparado para coibir a propagação de *fake news* e as plataformas estão

O projeto golpista de Bolsonaro não angariou força suficiente para se consolidar

implantando políticas mais rígidas em relação aos conteúdos que postam, apesar de não abolirem por completo a tática cada vez mais comum no mundo político. "Em parte, temos uma sociedade vacinada e temos dois candidatos na eleição presidencial muito conhecidos. Isso faz com que o efeito das *fake news* acabe sendo menor pelo nível de conhecimento que as pessoas têm, pela dificuldade de colar na imagem dos candidatos. Mas isso não significa que a gente tenha um volume menor de desinformação que em 2018", explica Brant.

"É claro que tudo pode acontecer, mas o estrago que as *fake news* fizeram em 2018 talvez não seja tão grande este ano. Vemos, por exemplo, que a intenção de voto é muito mais estável, mesmo com muita mensagem falsa circulando de qualquer maneira", diz Frederico Batista Pereira, pesquisador da Universidade da Carolina do Norte, nos EUA, que faz parte de um grupo de pesquisa que acompanha a reação de eleitores diante de notícias falsas. "Eu ficaria surpreso se houvesse uma mudança de cenário sem que um evento grande acontecesse. Tenho minhas dúvidas se essa propagação de *fake news* em massa tem esse tamanho todo para mudar o cenário." Para o pesquisador, a desinformação atua mais para reforçar crenças do que para virar votos, desempenham um papel para manter a base coesa, mobilizada e inflamada, sem ampliar de forma considerável seus seguidores.

Sobre a mobilização nas redes bolsonaristas, o Farol Digital – laboratório da Universidade Federal do Ceará que acompanha centenas de grupos de WhatsApp de direita –, em parceria com o Observatório das Eleições, analisou, entre os dias 6 e 8 de setembro, 231 grupos de WhatsApp de direita e verificou que houve atividade em 171, com 2.674 usuários. Foram 23.448 mensagens que circularam nesses grupos, das quais pelo menos 40% faziam menção às mobilizações do 7 de Setembro. As men-

sagens eram de convocação para os protestos, ameaças e autoelogio. A pesquisa revelou ainda uma grande quantidade de grupos que se dedicaram à divulgação do bicentenário da Independência, mas sem muito engajamento virtual. O Observatório das Eleições também analisou postagens sobre a data no Facebook. Fazendo um comparativo com 2021, quando na véspera do ato houve uma interação de quase 4 milhões de seguidores, este ano a participação foi de apenas 2,2 milhões. Não que seja pouca coisa, mas nitidamente os números mostram uma queda drástica na campanha de Bolsonaro nas redes.

Diante da dificuldade, o impulsionamento é uma carta na manga que a campanha de Bolsonaro ainda conta. Outra tentativa de engajamento é a programação de uma *live* diária que o presidente prometeu fazer nos últimos dez dias antes do primeiro turno. O TSE está de olho na disseminação de notícias falsas e o presidente da Corte e ministro do STF, Alexandre de Moraes, promete rigor com quem recorrer a essa tática. Ele vem agindo com mão de ferro contra as milícias digitais e cobrando ações das plataformas. Em março, proibiu a atuação do aplicativo Telegram no Brasil, depois de várias tentativas de diálogo com a empresa. A decisão foi revogada depois que o aplicativo retirou de circulação um vídeo de Jair Bolsonaro atacando as urnas eletrônicas. Em 2021, o ministro abriu um inquérito para investigar as milícias digitais e, em agosto deste ano, autorizou a Polícia Federal a fazer busca e apreensão contra um grupo de empresários que, pelo WhatsApp, defendia um golpe de Estado, caso Lula seja eleito.

A atuação de Moraes pode ainda estar contribuindo para enfraquecer o ecossistema que está por trás da campanha de Bolsonaro, incluindo o aporte financeiro para bancar a disseminação de *fake news*. Além de empresários, fazem parte desse ecossistema os *sites* de direita mencionados anteriormente, que recebem financiamento para espalhar informações falsas e descontextualizadas. "Na maioria das *fake news*, a Justiça tem dificuldade de encaixar em algum crime, mas consegue colocar na análise de propaganda eleitoral irregular, que tem multa a partir de 5 mil reais e vai subindo conforme houver reincidência. E o processo da propaganda é muito rápido. A partir da denúncia, em uma semana, em média, você já tem um resultado. Ainda que o caso suba para o TSE, ele vai ser julgado relativamente rápido. O Tribunal está maduro o suficiente para acompanhar toda essa guerra de desinformação", salienta Volgane Carvalho, secretário-geral da Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Público, destacando a célere atuação do Ministério Público e de advogados eleitorais no combate à desinformação.

HOJE, AS *FAKE NEWS* SERVEM MAIS PARA MANTER A COESÃO DOS APOIADORES DO QUE PARA VIRAR VOTOS, AVALIA PESQUISADOR

A atuação de Moraes contribuiu para enfraquecer o ecossistema da desinformação

A campanha de Lula vem se preparando há muito tempo para combater a indústria da mentira encampada por Bolsonaro e se diz pronta para enfrentar a última semana de campanha antes do primeiro turno. Conta com uma equipe que monitora a circulação de notícias falsas contra o candidato e tem uma equipe jurídica que é acionada sempre que necessário. "Temos lidado com as *fake news* da forma como elas têm de ser enfrentadas, desmentindo quando têm alguma relevância e combatendo de forma direta. Não tiramos a campanha para ficar combatendo mentiras porque seria entrar na armadilha deles. E temos também as vacinas, que são aqueles vídeos pequenos que neutralizam todas as distorções e ataques, para que você não fique gastando energia com isso. São peças positivas que enfatizam a verdade, postadas e, muitas vezes, impulsionadas, e que cumprem o papel de neutralizar as *fake news*. E quando é algo ilegal, entramos na Justiça e pedimos a retirada", destaca Edinho Silva, coordenador de comunicação da campanha de Lula.

Sobre o que esperar nesta reta final de campanha, Silva afirma que Bolsonaro vai testar aquilo que supostamente engaja mais. "A *fake* que pegar eles impulsionam. Eles demonstram o desespero, porque a nossa campanha tem sido muito assertiva, temos trabalhado na linha de apresentar propostas e mostrar o que é o governo Bolsonaro e quem é Bolsonaro. As pesquisas revelam uma chance real de a eleição ser definida no primeiro turno e nós não temos nenhuma dúvida de que eles vão aumentar o tom." •

O EXÉRCITO DA DESINFORMAÇÃO

O APOIO À APURAÇÃO PARALELA DAS URNAS PELAS FORÇAS ARMADAS NÃO É ESPONTÂNEO, MAS OBRA DA MÁQUINA DE *FAKE NEWS*

por ELIARA SANTANA

A pesquisa A Cara da Democracia, produzida pelo INCT-IDDC na segunda quinzena de setembro, mostra que 54,3% dos brasileiros apoiam uma apuração paralela das eleições feita pelas Forças Armadas. Esse dado, que revela de imediato uma opção de parte da população por um arranjo de certa forma inédito na história eleitoral brasileira, a tutela do processo pelos militares, precisa ser analisado e bem observado à luz do sistema de desinformação que se estrutura e se consolida com a ascensão do bolsonarismo.

A desinformação sistemática e sistematizada do bolsonarismo e do governo Bolsonaro tem produzido uma realidade paralela no País, o que, na verdade, provoca um estado de dúvida, insegurança e medo na população. O ecossistema de *fake news* tem na tríade crenças + valores + medos um componente potente que é trabalhado e bem utilizado. Portanto, esse apoio não é uma preferência pura e simples, é uma percepção construída meticulosamente por meio desses "ingredientes" principais na produção dos discursos.

Os eleitores não acordaram, num belo dia, e pensaram: "Achamos interessante que as Forças Armadas façam uma apuração paralela da eleição". Essa percepção, essa vontade, esse apoio, tudo foi cuidadosamente construído discursivamente e inoculado na população como vírus, a partir da operação desse sistema de desinformação, com o bombardeio minuto a minuto de *fake news*, *lives* e declarações do presidente, notícias falsas nos portais *fake*, ações de pastores nos cultos. Não é obra do acaso, tampouco uma percepção firme.

MAIS DA METADE DOS ELEITORES APROVA A INTERFERÊNCIA MILITAR NO PROCESSO ELEITORAL, APONTA PESQUISA

Isso nunca esteve no âmbito da discussão dos brasileiros em relação às eleições no País. Tal questão jamais fora colocada, não foi minimamente considerada, nunca existiu, na verdade. Esse novo "atributo" das Forças Armadas foi uma construção, mais uma, da realidade paralela do sistema de desinformação bolsonarista. Nesse sentido, quero destacar aspectos importantes, em termos da produção discursiva, que me parecem muito relevantes para compreendermos este cenário.

O primeiro refere-se ao ataque sistemático às urnas. Desde 2018, com breves intervalos, Bolsonaro desqualifica constantemente as urnas eletrônicas, o sistema eleitoral. Fala em fraude e ineficácia. No monitoramento que realizamos no âmbito do Observatório das Eleições,

ALEJANDRO ZAMBRANA/TSE

O general Oliveira, da Defesa, mantém o assédio ao ministro Moraes, do TSE, como se fosse dever e direito dos militares se intrometer nas eleições

o peso desses ataques é bastante evidente nas redes sociais. O termo "urna eletrônica", no campo bolsonarista, está sempre associado a um aspecto pejorativo e de dúvidas sobre a sua eficácia, o que gera bastante engajamento. Em suas *lives*, Bolsonaro lança, reiteradamente, dúvidas sobre a eficiência das urnas, além de insinuar abertamente que qualquer resultado, a não ser a sua vitória, será fraudulento. Esse discurso, meticulosamente produzido, tem uma capilaridade enorme, sendo disseminado pelas redes sociais, ganhando espaço em cultos e programas religiosos. Até mesmo a mídia tradicional (tevês, rádios e jornais) passa a responder aos ataques do presidente.

O segundo aspecto é o medo da violência política, que tem conquistado espaço com os sucessivos casos, entre eles o assassinato de opositores do bolsonarismo. A partir desse medo, que fica evidente na população – o chamado "voto envergonhado" é um indício importante desse ânimo –, o discurso relativo às Forças Armadas procura mostrá-las como garantidoras de certa ordem e como instrumentos de força a coibir a violência ou a fraude. Portanto, constrói-se uma percepção positiva dos militares, o que pode levar à constatação por parte da população de que, se existe possibilidade de fraude, a apuração paralela se justifica de alguma forma.

Por fim, destaco a avalanche de produções a mostrar resultados de pesquisas falsas. Nos últimos dias, circulou pelas redes sociais um suposto recorte de uma reportagem do *Jornal Nacional* que divulgava o resultado de uma pesquisa Ipec, na qual Bolsonaro aparece bem à frente de Lula. O vídeo é uma mostra do estrago produzido pelas *deep fakes*. Em linhas bem gerais, esse recurso utiliza inteligência artificial para modular a voz e a expressão facial dos indivíduos, o que possibilita colar em qualquer personagem qualquer tipo de discurso. O vídeo com a suposta reportagem do *JN* impressiona pela qualidade. Para um leigo, é impossível perceber que se trata de conteúdo fraudulento, mentiroso, inventado. Vale lembrar que um recurso com essa qualidade não é de baixo custo, ou seja, há ainda em operação um forte esquema de financiamento para produção e disseminação de *fake news* no Brasil.

Esses conteúdos falsos aliam-se às declarações do presidente da República de que as pesquisas realizadas por institutos de maior tradição – como Datafolha e Ipec – são mentirosas e que não reproduzem a realidade. Em contraposição, Bolsonaro cita reiteradamente o tal "datapovo", ou seja, aqueles apoiadores que o recebem em eventos públicos. Pois bem, esse tipo de conteúdo e de declaração causa uma grande confusão em quem é bombardeado por declarações oficiais, pois as afirmações de figuras públicas têm grande impacto na avaliação e na construção da percepção dos cidadãos em relação aos fatos.

Portanto, esse apoio à apuração paralela resulta também, sem dúvida nenhuma, desse poder de criação e disseminação de discursos e percepções do real, fruto do complexo sistema de desinformação consolidado sob o bolsonarismo no Brasil. Na terra da realidade paralela, nada é aleatório. •

**É jornalista, doutora e mestre em Linguística e Língua Portuguesa, com foco na Análise do Discurso. É pesquisadora do Observatório das Eleições (INCT IDDC), pesquisadora colaboradora do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp) e pesquisadora do grupo de estudos Multilinguismo e Interculturalidade no Mundo Digital (CLE/Unicamp).*

Este artigo foi elaborado no âmbito do projeto Observatório das Eleições 2022, uma iniciativa do Instituto da Democracia e Democratização da Comunicação. Sediado na UFMG, conta com a participação de grupos de pesquisa de várias universidades brasileiras. Para mais informações, ver: https://observatoriodaseleicoes.com.br.

DEPOIS DO *TSUNAMI*

O LULISMO TRAÇA PLANOS PARA RECUPERAR O PROTAGONISMO INTERNACIONAL DO BRASIL ARRUINADO POR BOLSONARO

por ANDRÉ BARROCAL

FERGUS BURNETT E YUKI IWAMURA/AFP

Um dia após Jair Bolsonaro cumprir a tradição do Brasil e abrir a Assembleia-Geral das Nações Unidas, Lula participou de encontros em São Paulo reveladores da expectativa mundial em relação a quem estará naquele mesmo púlpito em Nova York no próximo ano. O ex-presidente reuniu-se com diplomatas dos BRICS (exceto China), na sequência encontrou representantes de cinco nações europeias (Alemanha, França, Holanda, Polônia e Suíça) e, por fim, conversou com o embaixador interino dos Estados Unidos, Douglas Koneff. Seu principal conselheiro internacional, o ex-chanceler Celso Amorim, esteve nas conversas. Em seguida, na quinta-feira 22, viajou a Brasília para trocar ideias com embaixadores de países latino-americanos. Estes

Na ONU, Bolsonaro preferiu atacar Lula e o PT. Em Londres, desrespeitou o funeral da rainha e o luto de Charles III. O TSE proibiu o capitão de explorar as viagens na campanha

queriam saber quem deveriam procurar para cumprimentar o petista em caso de vitória nas urnas e, claro, como seria a política externa em um novo mandato de Lula.

Entre colaboradores do ex-presidente e de Amorim, comenta-se que a defesa do meio ambiente e da Amazônia e os desafios da mudança climática estarão no centro da futura política externa. Bandeira a ser empunhada em companhia de dois vizinhos de governos progressistas, a Colômbia de Gustavo Petro e o Chile de Gabriel Boric. O tema ambiental é o mais importante hoje na Europa, por exemplo, e uma das causas do repúdio das finanças globais ao Brasil de Bolsonaro. Ministra do Meio Ambiente no governo Dilma Rousseff, Izabela Teixeira é a favor da criação de uma Secretaria de Emergência Climática ligada ao presidente. Defende ainda que o governo eleito em outubro aproveite a Conferência da ONU para Mudanças Climáticas, a COP-27, em novembro, no Egito, para mostrar ao mundo o engajamento na área.

No time lulista, avalia-se que dois outros assuntos exigiriam uma resposta nos primeiros dias de governo: a adesão do Brasil à OCDE, clube de nações ricas e simpatizantes, e o acordo Mercosul-União Europeia. São temas que tomaram corpo durante o mandato tampão de Michel Temer e avançaram sob Bolsonaro. O PT faz ressalvas: as iniciativas reduzem a margem de manobra interna (em relação ao gasto público, no caso da OCDE, e na política industrial, no caso do acordo comercial).

É possível que, com Lula, o Brasil desista da OCDE. Quanto ao entendimento com a Europa, o ex-presidente disse na terça-feira 20 ao Canal Rural que em seis meses o concluiria. Declaração para angariar boa vontade no agronegócio, mas que contém uma sutileza, conforme lulistas. Pode ser concluído desde que os europeus aceitem certas condições. Do jeito que foi costurado no governo Bolsonaro, não.

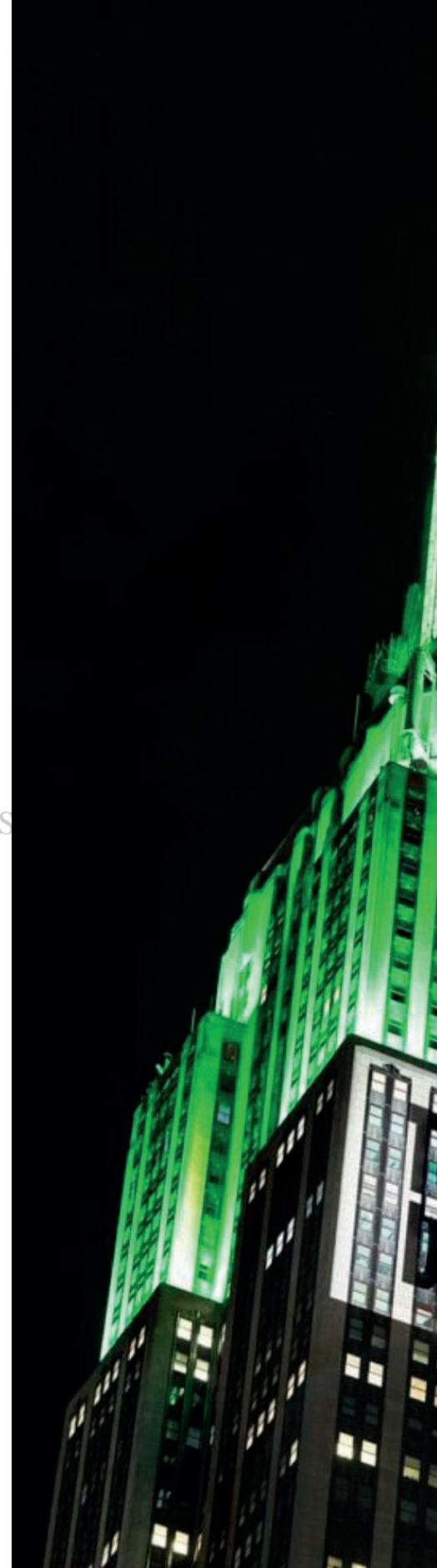
Se voltar à Presidência, Lula dará peso aos BRICS (o Brasil sediará uma cúpula em 2023 ou 2024) e à integração regional. Com Bolsonaro, saímos da Celac, a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos. Em 23 de janeiro, o Grulac, espécie de subgrupo latino-americano da ONU, terá uma reunião e um Brasil de Lula o prestigiaria. Um colaborador do petista para a área externa aposta que as relações internacionais teriam uma diferença quanto ao período de 2003 a 2010. Antes, o Brasil melhorou a vida da população e valeu-se disso para cacifar-se no xadrez global. Agora, a política exterior seria usada como elemento de disputa interna, pois o bolsonarismo age assim e a extrema-direita tem articulação planetária. O norte-americano Steve Bannon, guru do extremismo, acaba de dizer à BBC que é "fascinado" por Lula, em razão do carisma e do perfil trabalhista.

E os nomes de uma futura política externa de Lula? Amorim é favorito para voltar a ser chanceler. Gosta da ideia e não recusaria uma convocação do ex-presidente, mas acredita que a embaixadora Maria Luiza Viotti seria um bom nome para o cargo. A diplomata é, desde 2017, chefe de gabinete do secretário-geral da ONU, o português António Guterres. Vozes progressistas no Itamaraty defendem que o posto fique com uma mulher e citam a embaixadora Irene Vida Gala como opção. Há concorrentes de fora da diplomacia. Um deles é o economista Aloizio Mercadante, coordenador do programa de governo lulista. Alternativa que desponta mais como uma solução para mantê-lo longe da área econômica. Outro é Jaques Wagner, presidente da Comissão de Meio Ambiente do Senado e constantemente escalado para missões internacionais em nome de Lula. Coube a Wagner negociar com a embaixada da França a reunião do ex-presidente com Emannuel Macron em novembro do ano passado. O senador fala francês e inglês. Mercadante, não.

O COMÍCIO NO FUNERAL DA RAINHA ELIZABETH II E AS MENTIRAS NA ONU FORAM O *GRAND FINALE* DA ANTIDIPLOMACIA BOLSONARISTA

Um rosto de fora do círculo lulista surgiu como possível colaborador. Trata-se de Hussein Kalout, professor de Relações Internacionais e secretário de Assuntos Estratégicos de Temer. Sua equipe tinha um ex-porta-voz de Lula, o diplomata Marcelo Baumbach, e um funcionário do futuro governo Bolsonaro, Marcos Degaut, secretário de Produtos de Defesa até agosto. Degaut foi demitido por Kalout, em 2018, em razão de desentendimentos e consta que nunca mais se falaram. No Itamaraty há certa bronca com o professor. Sentimento recíproco. No fim do governo Dilma, Kalout tinha o apoio da presidenta para concorrer ao cargo de relator especial da ONU para a Palestina e sua candidatura foi boicotada pela diplomacia de carreira.

"A política externa do governo Bolsonaro é trágica para o Brasil, nos alijou dos principais tabuleiros internacionais e precisa ser demolida", diz Kalout. Segundo ele, o capitão "destruiu todo o capital político" do País na América do Sul, ao cooperar, entre outras, com a tentativa de golpe dos EUA na Venezuela, em 2019, disfarçada

De Nova York para o mundo: Bolsonaro fica cada vez mais internacionalmente famoso

de ajuda humanitária. O vácuo de liderança deixado na região pelo Brasil permitiu o avanço da China. Pequim é hoje o maior parceiro comercial da Argentina. Detalhe: não há embaixador chinês em Brasília desde fevereiro. Com Washington, Bolsonaro foi subserviente a Donald Trump e antagoniza abertamente Joe Biden, atitudes nada pragmáticas (Tio Sam também está sem embaixador efetivo aqui desde julho de 2021). A África foi esquecida. Na ONU, votamos contra as mulheres.

Esse desastre teve um *grand finale* com a ida de Bolsonaro a Londres para o funeral da rainha Elizabeth II e a Nova York, para a Assembleia das Nações Unidas. Na ONU, Bolsonaro atacou Lula e o PT. Disse que a "esquerda" causou prejuízos de 170 bilhões de dólares à Petrobras e que ele "extirpou a corrupção sistêmica que existia" no Brasil. E desfiou mentiras. Uma delas: "Durante a pandemia da Covid-19", disse, seu governo "não poupou esforços para salvar vidas". O Tribunal Superior Eleitoral proibiu-o de usar o discurso na disputa pela reeleição, a pedido das campanhas de Ciro Gomes e Soraya Thronicke. Motivo: o candidato à reeleição valeu-se da posição de governante para produzir o material, concorrência desleal.

O TSE decidiu o mesmo a respeito do discurso na sacada da embaixada do Brasil em Londres, a pedido das campanhas de Lula e Soraya. Lá, Bolsonaro falou 15 segundos sobre a morte da rainha e, nos dois minutos seguintes, disparou coisas do tipo: "Não tem como não ganharmos no primeiro turno". O funeral era um momento de empatia mundial com o Reino Unido como não se via há uma década, desde a Olimpíada de Londres, em 2012. De lá para cá, o país tornou-se isolacionista, vide a saída da União Europeia. Bolsonaro e seus fãs contribuíram para macular a ocasião. Escandalizaram os fleumáticos britânicos.

O aposentado Charles Harvey, de 61 anos, foi hostilizado por fiéis do capitão, ao passar em frente à embaixada do Brasil e interceder numa discussão entre brazucas. Um destes criticava Bolsonaro, enquanto os demais defendiam-no. A turba fiel ao presidente mandou Harvey calar-se. "Vocês estão na Inglaterra, demonstrem alguma porra de respeito, é o dia do funeral da rainha", reagiu, tudo filmado por jornalista da BBC. Em outro vídeo, uma senhora protestava contra a presença de Bolsonaro em seu país, quando um fã do capitão sugere: "Por que você não vai para a Venezuela?" Ambientalistas brasileiros que protestavam na porta da embaixada precisaram de proteção policial, para não apanhar. "Animais raivosos", definiu Ali Rocha, uma das manifestantes, ao UOL.

A mídia inglesa, de direita e esquerda, destacou o óbvio: o capitão quis tirar proveito eleitoral do funeral. *The Times*: "Bolsonaro quebra luto para ganhar pontos políticos". *Daily Mail*: "Fez um comício em tom agressivo da janela da residência do embaixador do seu país, incensando uma multidão com bandeiras". *The Independent*: "Aproveitou a viagem a Londres para tentar convencer os eleitores indecisos de sua importância internacional, levando sua campanha política para a viagem". *The Guardian*: "Voou para Londres para discursar aos seus apoiadores sobre os perigos dos esquerdistas, do aborto e da 'ideologia de gênero'". Ao comentar o noticiário britânico, o chefe da Casa Civil, Ciro Nogueira, disse tratar-se de "inveja de um presidente forte, porque eles têm um governo fraco". Um diplomata desse "governo fraco" (da direita) fez chegar ao time de Lula que o petista não pode excluir o Reino Unido da primeira viagem que vier a fazer à Europa, caso eleito. Ouviu que o país deveria tê-lo convidado quando o ex-presidente fez um *tour* europeu em 2021.

Os britânicos estão sem embaixador em Brasília desde março. Nosso chefe di-

plomático em Londres, Fred Arruda, deu um show de sabujice no funeral. Levou de carona o pastor Silas Malafaia, integrante da comitiva presidencial, e gravou ao lado dele um vídeo no qual dizia ser uma "enorme honra" a "companhia tão ilustre no carro". O embaixador do Brasil na Espanha, Orlando Leite Ribeiro, tem vocação parecida. Cancelou um evento que ocorreria no dia 15 em Madri, alusivo aos 200 anos do Brasil. Um dos convidados da cerimônia, que seria realizada em parceria com a embaixada de Portugal, era um escritor brasileiro, Paulo Roberto Pires, autor do livro *Diante do Fascismo*, sobre o governo Bolsonaro. Até a conclusão desta reportagem, na quinta-feira 22, fazia uma semana que o jogador brasileiro Vinícius Júnior, do Real Madrid, tinha sido alvo de racismo e Ribeiro não havia dito uma única palavra em defesa do futebolista.

Amorim é cotado para voltar ao comando do Itamaraty caso Lula vença, mas há outros nomes no páreo, de diplomatas de carreira a políticos

Arruda é embaixador em Londres há quatro anos, um a mais do que o costume diplomático. Ouve-se no Itamaraty que o ministro das Relações Exteriores, Carlos França, quer o posto ao deixar o governo. Foi a rota de fuga de Arruda no fim da gestão Temer, de quem era assessor especial. Embaixadores colaboracionistas do bolsonarismo traçaram há meses planos de ocupar embaixadas vistosas no crepúsculo do capitão, como *CartaCapital* relatou em junho. De uma lista de 13 nomes e os cargos almejados, destacam-se quatro. Achilles Zaluar Neto, chefe de gabinete de França, quer o Vaticano. Problema: Lula tem relação pessoal com o papa Francisco. Hélio Vitor Ramos Filho, embaixador em Roma, cobiça Buenos Aires. Problema: Lula é amigo do presidente Alberto Fernández. Paulino Carvalho Neto, subchefe de Assuntos Multilaterais, sonha com Paris. Problema: Lula esteve com Macron, Bolsonaro despreza o francês. Fernando Simas Magalhães, secretário-geral do Itamaraty, ambiciona Roma.

As indicações de Zaluar, Ramos e Magalhães estão no Senado. Diplomatas comentam que os 13 nomes da lista farão *lobby* para apressar uma decisão da Comissão de Relações Exteriores. Na terça-feira 20, a comissão elegeu nova presidente, Margareth Busetti, do PP de Mato Grosso, em troca à colega de partido Kátia Abreu, de licença do mandato em busca da reeleição em Tocantins. Ganhe ou perca, Kátia voltará a Brasília em outubro. Os embaixadores colaboracionistas pretendem resolver tudo com Margareth até 7 de outubro. O time de um futuro governo Lula permitirá o rateio do filé diplomático?

A CAMPANHA DE LULA NEGA UMA "CAÇA ÀS BRUXAS" NO ITAMARATY, MAS HÁ DECISÕES QUE PRECISAM SER INVESTIGADAS

Amorim disse em julho que não haverá "caça às bruxas" no Itamaraty, caso Lula volte. Mas, comenta um diplomata, não caçar bruxas é diferente de premiá-las. E salienta: os três chanceleres de Dilma foram enviados a postos menores por Bolsonaro. Antonio Patriota está no Egito, Luiz Figueiredo Machado, no Catar, e Mauro Vieira, na Croácia. Para outro diplomata, pode até não haver caça às bruxas, mas três temas merecem apuração: a diplomacia da cloroquina, o apoio ao golpe na Bolívia em 2019 e o voto brasileiro, em 2020, em um norte-americano contra um argentino, para a presidência do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Nunca, em 60 anos, um ianque alcançara o topo do BID.

Em outubro de 2020, o primeiro chanceler bolsonarista, Ernesto Araújo, disse na formatura de diplomatas: se a política externa do Brasil "faz de nós um pária internacional, então que sejamos esse pária". Essa será a herança deixada por Bolsonaro ao sucessor. Missão dada, missão cumprida. •

RICARDO STUCKERT

MARCOS COIMBRA

Primeiro ou segundo?

▶ Para Lula, não faz diferença ganhar em 2 ou 30 de outubro. Para o Brasil, o quanto antes, melhor

A pouco mais de uma semana da eleição, a dúvida que resta é se Lula derrota Bolsonaro no primeiro ou no segundo turno. Fora as "pesquisas" divulgadas pelo bolsonarismo, não há uma sequer que indique um desfecho diferente.

O motivo de continuar tão elevada a probabilidade da vitória de Lula é que nenhuma das apostas do capitão para melhorar suas chances deu certo. Tomou todas as medidas sugeridas por seus "estrategistas" e nada funcionou. Tentaram o que puderam, especialmente de junho em diante: mexeram no preço dos combustíveis (prejudicando as finanças estaduais com pedaladas no ICMS), despejaram bilhões para comprar o apoio do eleitorado popular, diretamente (com "auxílios" descaradamente populistas) e indiretamente (canalizando dinheiro para obras e serviços de interesse de aliados), exigiram dos bispos amigos a contrapartida das benesses recebidas (retribuídas com uma militância partidária escandalosamente imoral), mantiveram o tom abertamente ameaçador dos pronunciamentos militares (para assustar os eleitores), abusaram da usurpação de recursos e símbolos públicos, dando-lhes uso privado na campanha. Isso tudo, à vista de todos. Sem contar a bandalheira de sempre nos subterrâneos da internet (onde repetem a prática de disseminar mentiras e caluniar adversários).

O saldo? Lula perdeu pouquíssimo da vantagem anterior (2 pontos) e Bolsonaro viu-se obrigado a se contentar com o crescimento de míseros 2 pontos na média das pesquisas. Nunca fizemos uma eleição com tamanho desvio de dinheiro público, tanta falta de escrúpulos e tanta intimidação, com consequências tão pífias.

Quando chegamos a meados de agosto, Lula obtinha, na média das pesquisas presenciais divulgadas, 53% dos votos válidos no primeiro turno e 60% no segundo. Ficava com os mesmos números de maio, quando estava em seu máximo. Fracassaram os coelhos da cartola, os ases na manga, as balas de prata do bolsonarismo. A 45 dias da eleição, confirmava-se a chance da vitória de Lula e era considerável a probabilidade de uma decisão no primeiro turno.

No conjunto das pesquisas, Bolsonaro não ganhou, desde então, 1 ponto sequer nos votos válidos, o que significa que não conseguiu se beneficiar do início da propaganda eleitoral na televisão e no rádio, tampouco da temporada de debates e entrevistas com candidatos promovida pelos meios de comunicação. Mais crucialmente para ele, deu chabu o festival bolsonarista no 7 de Setembro. Saudado como o "dia da virada", não virou nada. Outra decepção.

As últimas três semanas trouxeram, no entanto, mudanças nas outras candidaturas, que afetaram os prognósticos. Não a respeito de quem ficaria no segundo lugar, pois, embora sem crescer, o capitão permanecia estacionado no posto. Mas na possibilidade de uma solução no primeiro turno. A partir do fim de agosto, com o começo da campanha, as pesquisas registraram um discreto crescimento de Ciro Gomes e Simone Tebet. A soma de ambos com os demais candidatos foi de 9 para 14 pontos. Como são candidaturas apoiadas por eleitores e eleitoras majoritariamente antibolsonaristas, os 5 pontos de aumento afetaram mais Lula do que Bolsonaro.

O reflexo foi a redução da possibilidade da vitória de Lula no dia 2 de outubro, sem comprometer o resultado final. Ou seja, o favoritismo de Lula não mudou, pois os eleitores que pensam votar em Ciro, Tebet e outros nomes, no primeiro turno, preferem Lula no segundo, como mostram as pesquisas. Elas não nos permitem dizer, hoje, quão intensa será a antecipação desse voto contra Bolsonaro e a favor de Lula no primeiro turno. Se for pequena, permanece a chance de vitória do ex-presidente no dia 2, mas o mais provável é que a margem seja estreita. Se for grande, a possibilidade de um resultado dilatado aumenta.

Em eleições normais, nas quais a disputa se trava entre candidatos de bem, que compartilham valores humanos e democráticos, é possível dizer que uma vitória folgada, em um segundo turno, pode ser até melhor, no médio prazo, do que uma apertada no primeiro. Não é, no entanto, o que temos hoje no Brasil.

Bolsonaro é uma ameaça grave ao nosso presente e futuro. Sua vileza de caráter e incapacidade de convivência na democracia, que suscitam e estimulam o pior em muita gente, tornam imperativo que seja removido o mais cedo possível. Para Lula, não faz tanta diferença se ganha por pouco, no primeiro turno, ou por muito, no segundo. Para o Brasil, o quanto antes, melhor. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Desventuras em série

RIO DE JANEIRO Acossado por denúncias, Cláudio Castro vê a vantagem em relação a Freixo derreter na reta final da campanha

POR MAURÍCIO THUSWOHL

"Quem é esse cara?" Elaborado pelos marqueteiros de Cláudio Castro, o *slogan* da propaganda de rádio e televisão do governador do Rio de Janeiro sintetiza a estratégia de levar aos eleitores mais informações sobre o titular do Palácio Guanabara e candidato à reeleição pelo PL. A ideia parecia boa. Castro, apoiado por Jair Bolsonaro, está no cargo desde agosto de 2020, quando substituiu o governador cassado Wilson Witzel, mas pesquisas qualitativas mostravam que ele permanecia desconhecido para mais da metade da população fluminense. O maior tempo de propaganda proporcionado pela coligação de 14 partidos deu ao governador o espaço necessário para vender o peixe de sua gestão, vitaminada pelos recursos obtidos com a privatização da Cedae, que permitiram dezenas de obras no interior. Castro cresceu nas pesquisas e chegou a abrir vantagem de 15 pontos porcentuais em relação ao deputado federal Marcelo Freixo, candidato pelo PSB apoiado por Lula e o PT. Mas tudo indica que a maré começou a virar nas últimas duas semanas, após denúncias jogarem luz sobre irregularidades cometidas por ex-secretários de Castro, além de trazerem o próprio governador para o centro de uma investigação sobre corrupção.

Ironicamente, o bordão "quem é esse cara?" tornou-se palavra de ordem da oposição e uma pergunta incômoda que travou o crescimento do governador. Na mais recente pesquisa Datafolha, divulgada em 15 de setembro, Freixo aparece com 27% das intenções de voto, novamente em situação de empate técnico com Castro, que soma 31%. Além disso, mais de um terço dos eleitores (36%) afirma que ainda pode mudar seu voto. Já a pesquisa Ipec divulgada na terça 20 mostra o governador estagnado no mes-

O Datafolha de 15 de setembro já indica um cenário de empate técnico

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 30

Mandatos coletivos. Eles ampliam a diversidade na política, mas carecem de proteção legal

Vidraça. Washington Reis, o vice de Castro, teve a candidatura impugnada. O ex-secretário Allan Turnowski foi preso

mo patamar de 15 dias antes (37%), enquanto o adversário do PSB cresceu 5 pontos e chegou a 27%.

A expectativa na reta final da campanha é da apresentação de provas por um ex-assessor de Castro que negociou sua delação premiada no âmbito da Operação Catarata, comandada pelo Ministério Público do Rio de Janeiro para investigar fraudes cometidas no governo estadual e na prefeitura do Rio. Na delação, o empresário Marcus Vinicius Azevedo da Silva afirmou que Castro, quando ainda era vereador na capital, recebeu 20 mil dólares em propina durante uma viagem de férias com a família à Flórida. O pagamento foi um "prêmio" por ele ter intercedido com sucesso junto ao então prefeito Marcelo Crivella para acelerar a aprovação de contratos que beneficiaram uma empresa dirigida pelo delator e outra pertencente ao empresário Flávio Chadud: "A gente tinha como mandar recurso através de doleiro para o exterior. Foi direto. Quando chegou lá, uma pessoa entregou para ele", disse Silva. Os dólares serviram para pagar a viagem da família de Castro à Disney: "Dei uma parte. Flávio deu outra".

A esperança de que as denúncias possam derreter a candidatura de Castro renovou os ânimos de seu principal oponente na disputa. "A transparência é um dos alicerces da democracia. O eleitor deve ser muito bem informado sobre seus candidatos. Todas as denúncias sobre Cláudio Castro, e não são poucas, foram publicadas na imprensa, que, ao contrário das *fake news* que são despejadas nas redes, faz um trabalho sério de checagem", diz Freixo. O candidato do PSB pede atenção ao eleitor: "Já vivemos o trauma de ter cinco governadores presos e um afastado por corrupção. Castro caminha a passos largos para ter esse mesmo destino".

O vazamento da delação premiada reacendeu uma antiga acusação que paira sobre Castro. Silva confirmou uma denúncia feita no ano passado por Bruno Selem, ex-funcionário da Servlog, empresa que mantinha contratos com o governo Witzel. Segundo Selem, o então vice-governador Castro teria recebido 100 mil reais em espécie como propina, após um contrato firmado entre a empresa e a Fundação Leão XIII, órgão destinado a dar assistência social à população de baixa renda. Sobre essa denúncia existe um vídeo que circula na internet e mostra Castro saindo do endereço citado na delação com uma mochila nas costas, que, de acordo com o delator, continha os maços de dinheiro.

Outro flanco de desgaste para o governador foi a prisão do ex-secretário de Polícia Civil Allan Turnowski, que havia deixado o posto para se candidatar a deputado federal pelo PL. Segun-

TÂNIA RÊGO/ABR E RAFAEL CAMPOS

Esperança. Freixo torce para que o delator de Castro apresente provas do pagamento de propina ao governador

do as investigações realizadas pelo MP, Turnowski, que ficou conhecido nacionalmente por estar no comando da operação que resultou em 28 mortes na Favela do Jacarezinho no ano passado, recebia regularmente propina do jogo do bicho. Ao lado do delegado Maurício Demétrio, também preso, participou da elaboração de falsos flagrantes para atingir politicamente adversários do governador. Turnowski é o quinto integrante do primeiro escalão do governo estadual preso nos últimos três anos, engrossando uma lista que começou com o então secretário de Saúde Edmar Santos, acusado de corrupção na montagem de hospitais de campanha durante a fase aguda da pandemia, e teve sequência com Lucas Tristão (Desenvolvimento Econômico), Pedro Fernandes (Educação) e Raphael Montenegro (Administração Penitenciária).

Da mesma forma, vêm sendo exaustivamente exploradas pelos adversários de Castro as denúncias de que o Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores do Rio de Janeiro, o Ceperj, foi utilizado para pagamentos na boca do caixa a apoiadores que supostamente participaram da execução de programas sociais do governo. A lista de 27 mil beneficiários inicialmente não identificados inclui 1,2 mil servidores do governo, da Assembleia Legislativa do Rio e de prefeituras aliadas. O governador nega as acusações: "Não comento ações em segredo de Justiça. O vazamento desse conteúdo é criminoso e visa única e exclusivamente interferir no processo eleitoral. Infelizmente, no Rio, há uma indústria de delações feitas por criminosos que querem se livrar da cadeia e acusam autoridades de forma leviana", disse em nota. Sobre o Ceperj, Castro admite que possa ter ocorrido um "erro de transparência" nos pagamentos efetuados e diz já ter proposto um Termo de Ajustamento de Gestão ao MP. Por conta das denúncias, a direção do Ceperj anunciou a extinção de seis programas: Agentes de Trabalho e Renda; Esporte Presente; Casa do Consumidor; Cultura Para Todos; Resolve RJ; e Junta Perto de Você.

Dos 24,9 bilhões de reais obtidos com o leilão da Cedae, pelo menos 193 milhões irrigaram a folha de pagamentos do Ceperj. A controversa venda da lucrativa estatal também possibilitou o lançamento pelo governo estadual do Pacto RJ, a prever investimentos de 17 bilhões de reais em 50 projetos junto a prefeituras do interior: "O uso da máquina administrativa não é uma novidade na política fluminense. Os recursos da venda da Cedae estão obviamente sendo usados para a compra de votos, mais uma vez reproduzindo em larga escala a prática po-

lítica clientelista de um modelo muito bem montado a partir do governo Chagas Freitas, repetido por Moreira Franco e no segundo governo Brizola, e intensificado por Garotinho, Rosinha, Cabral, Pezão e Witzel", observa o cientista político Luiz Eduardo Motta. Castro, acrescenta o professor da UFRJ, "despiu-se do véu" da moralidade administrativa. "Ele, ao lado de Witzel, foi eleito com o discurso moralista da extrema-direita, mas hoje rompe com esse discurso e externaliza a prática clientelista que era negada em 2018."

O inferno astral do governador inclui um importante revés político com a renúncia do vice em sua chapa, Washington Reis, do MDB, que foi substituído pelo deputado estadual Thiago Pampolha, do União Brasil. Com uma condenação de 2016 por crime ambiental confirmada em 31 de agosto pela Segunda Turma do STF, o ex-prefeito de Duque de Caxias, hoje um baluarte do bolsonarismo, não teve escolha após sua candidatura ser negada pela Justiça Eleitoral. Com isso, Castro perdeu seu principal cabo eleitoral na Baixada Fluminense, região onde os votos costumam ser pendulares. Para piorar, Reis retornou às páginas policiais no dia seguinte, ao ser alvo de uma operação conjunta da Polícia Federal e do MP fluminense que investiga o favorecimento a uma cooperativa ligada ao empresário Mário Peixoto, que atuou na área de saúde em Duque de Caxias e recebeu 563,5 milhões de reais da prefeitura na gestão do emedebista.

> "Não podemos deixar de apontar os riscos que o Rio corre se reeleger Castro", diz Freixo

Na reta final da campanha, os adversários pretendem explorar a proximidade de Castro com figuras como Turnowski, Reis e Witzel, que, segundo o Datafolha, têm a rejeição de 47% do eleitorado. Nas tropas de Freixo, as projeções para o segundo turno são animadoras. Na pesquisa Datafolha, a vantagem de Castro (43%) é de apenas 2 pontos para o candidato do PSB, que aparece com 41% em situação de empate técnico com o governador. Já na pesquisa Ipec, a vantagem sobre Freixo é de 10 pontos (45% a 35%). "É uma disputa em aberto. Com a ajuda de Lula, que vencerá no primeiro turno e poderá vir mais vezes ao Rio, vamos ganhar esta eleição", diz Freixo. Na segunda rodada, a estratégia será ampliar o alcance das denúncias contra o governador. O pessebista diz que sua candidatura é propositiva, mas que "não podemos deixar de apontar os riscos que o Rio corre se reeleger Castro".

MÁRCIO MENASCE E MARCELO FREIXO 40

Fantasmas. Castro admite "erro de transparência" nos pagamentos feitos pelo Ceperj

Tudo indica que haverá segundo turno na disputa estadual, diz Motta. "E vai ser uma nova eleição, uma incógnita. Se abrirá um novo campo de debate sobre alianças." O cientista político avalia que o atual cenário permite uma eventual virada de Freixo: "Essas denúncias fortíssimas de corrupção no aparato estatal estão tendo um efeito negativo na campanha do governador". Motta avalia que "é complicado afirmar" que o eleitor fluminense esteja anestesiado ou imune às denúncias de corrupção, após ter tantos ex-governadores presos: "Só as urnas responderão a esse enigma".

Apesar da possível virada sugerida pelas pesquisas, o sociólogo Marcos Coimbra relativiza o impacto das denúncias de corrupção sobre uma população tão maltratada pelos desmandos de seus governadores: "A descrença no sistema político é grande no Rio e existe pouca curiosidade acerca de denúncias sobre governantes. É impossível dizer se haverá impacto sobre a candidatura de Castro", diz. O presidente do Instituto Vox Populi é irônico ao fazer uma constatação: "As denúncias contra Castro certamente serão decepcionantes para os eleitores que acreditavam nele". •

Corrida de obstáculos

ELEIÇÕES Em alta, as candidaturas coletivas facilitaram o acesso de mulheres e minorias ao Legislativo, mas o modelo ainda esbarra em limitações da legislação eleitoral

POR MARIANA SERAFINI

"Foi incrível. É muito potente você chegar numa Casa Legislativa com cinco mulheres e todas são deputadas. Foi um processo de gestação mesmo. Achei que podíamos ir além, e pela minha experiência na 'Juntas', vi que muitas das minhas defesas precisavam ser feitas em Brasília: a legalização do aborto, a reconstrução das leis de incentivo à cultura, o uso medicinal da maconha, o cuidado materno para fins de aposentadoria. São pautas que devem ser construídas em âmbito nacional, e a experiência numa bancada coletiva me deu estrutura para encarar esse voo solo." Assim Carol Vergolino, do PSOL, codeputada estadual em Pernambuco e candidata a deputada federal, define sua experiência no primeiro mandato coletivo eleito no estado, em 2018.

Em São Paulo, a codeputada Mônica Seixas, também do PSOL, disputa a reeleição com uma nova bancada, o "Mandato As Pretas". Pioneiras nessa experiência no Brasil, as duas parlamentares tomaram rumos diferentes – uma escolheu candidatura solo, a outra, um novo coletivo –, mas concordam que esse modelo serve para alavancar as candidaturas de mulheres e integrantes de minorias que, sozinhos, não teriam condições concretas de conquistar uma vaga no Legislativo.

"A gente fez o mandato coletivo como uma crítica mesmo, porque falta muita

coisa na democracia. Falta representação feminina, de indígenas, de negros, de pessoas trans. Fazemos questão de incluir todo mundo, não deixar ninguém para trás. Mas o ideal, claro, seria que cada um ocupasse uma vaga", diz Seixas. "O mandato coletivo não é exatamente uma solução, mas contribui para melhorar a representatividade das mulheres, sobretudo as mulheres pretas, em um sistema tão desigual."

Em 2018, várias colegas da Bancada Ativista liderada por Mônica Seixas lançaram candidaturas solo nas eleições municipais de 2020 e tiveram êxito, porque tinham conquistado um capital político para encarar esse desafio. É o caso da vereadora Érika Hilton, a primeira mulher trans eleita para a Câmara Municipal de São Paulo, e agora é candidata a uma vaga na Assembleia Legislativa paulista.

Neste ano, o Brasil registrou um recorde de candidataras coletivas. São 213 no total, espalhadas em todas as regiões do País. Débora Rezende, professora do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, explica que, apesar de existirem experiências anteriores, esse modelo emplacou em 2014, e cresceu a partir de 2016, justamente o ano do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff. "As candidaturas coletivas crescem na onda de uma crise política que o Brasil enfrenta, uma crise da democracia mesmo. De certa forma, é uma análise que os próprios movimentos sociais fazem de que os espaços institucionais não são muito abertos, e que é necessário ocupar com a demanda das minorias."

O modelo vem de fora, começou na Europa, e por aqui muitas das candidaturas se inspiraram na experiência do movimento espanhol Podemos. Segundo Rezende, nos mandatos coletivos municipais, que foram eleitos em 2020, 85% dos porta-vozes são oriundos de uma luta coletiva da sociedade civil ou de um movimento social, por isso sabem articular uma atuação conjunta. "Se trabalhar em grupo é difícil, deliberar em conjunto é ainda mais. Percebo que essa tem sido uma dificuldade", pondera a pesquisadora. Mas existe uma rede nacional de mandatos coletivos em formação, para compartilhar experiências e boas práticas.

Protagonistas. Mônica Seixas disputa a reeleição na Assembleia Legislativa de São Paulo por um novo coletivo. Carol Vergolino mira na Câmara dos Deputados

Pela lei, o mandato pertence ao "porta-voz" da bancada. Em caso de afastamento ou renúncia, o grupo todo acaba destituído

Um mandato coletivo tem, literalmente, mais braços, cabeças e pernas trabalhando em várias frentes. Possibilita, por exemplo, a participação em várias comissões parlamentares e uma produção mais robusta de projetos de lei. Isso não significa que as propostas formuladas vão emplacar nas Casas Legislativas. "A maioria desses mandatos é progressista e está localizada nas Câmaras Municipais, que costumam ser dominadas por vereadores de direita. Então, existe uma dificuldade de aprovar projetos. Uma forma que os coletivos têm de pressionar as câmaras é levar o povo para as galerias", afirma Rezende. "Vi muito isso estudando esse modelo. Como o poder político no Brasil está distante do povo, essa é uma maneira de ativar as bases. Até porque projeto todo mundo faz, mas, de modo geral, o Poder Legislativo aprova poucos."

Ainda muito novos no País, os mandatos coletivos esbarram em limitações da legislação eleitoral, pois o Tribunal Superior Eleitoral não reconhece uma candidatura coletiva. Na hora de inscrever a chapa, apenas um indivíduo é tido co-

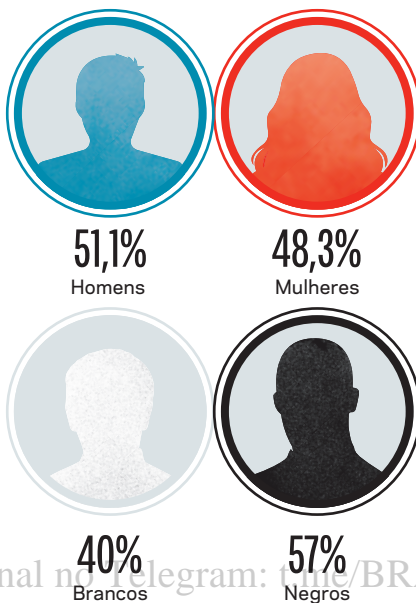
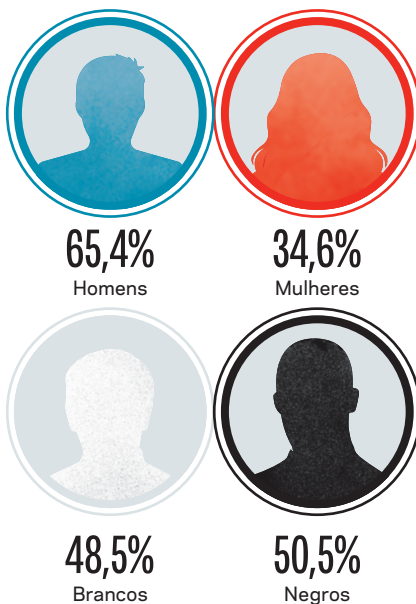
mo candidato. Esse cidadão costuma ser chamado de "CPF" ou "porta-voz" e, na prática, é o verdadeiro "dono do mandato". Para driblar o problema, cada bancada faz seu acordo, mas não há garantias ao eleitor de que o grupo seguirá com a mesma composição até o fim.

A Bancada Ativista do PSOL em São Paulo, para citar um exemplo, sofreu um racha, e duas integrantes do grupo saíram do mandato levando consigo o nome do coletivo. Mônica Seixas seguiu, porém, como deputada estadual, compartilhando as decisões com seis colegas. À época, a porta-voz precisou se licenciar do cargo para tratar um problema de saúde, e quem assumiu o cargo foi um suplente do partido, não um codeputado. É o que determina a regra eleitoral. Foi preciso costurar um acordo com o então titular da vaga para manter o grupo atuante. Em Belo Horizonte, a vereadora Sônia Lansky renunciou, também por razões de saúde, e toda a sua bancada, a Coletiva do PT, acabou destituída.

A candidata a codeputada estadual pela Bancada Feminista do PSOL em São Paulo, Simone Nascimento, pondera, porém, que os mandatos convencionais tampouco estão imunes a esse tipo de problema. "Quando um parlamentar sai por qualquer razão, toda a sua equipe, que está construindo aquela luta, também deixará a vaga. A questão é que os eleitores não sabem bem como isso funciona, porque o sistema eleitoral brasileiro ainda é muito nebuloso. Quando a gente faz campanha e explica como funciona um mandato coletivo, as pessoas entendem."

Nascimento está estreando em uma candidatura coletiva. Antes, ela concorreu à Câmara Municipal de São Paulo sozinha, teve uma votação expressiva, mas não foi eleita. Depois disso, trabalhou como assessora parlamentar no gabinete da Bancada Feminista. Com isso, adquiriu experiência para integrar uma candidatura coletiva de mesmo nome na disputa por uma vaga na Assembleia Legislativa. "O mandato coletivo prioriza o projeto político, reduz o caráter personalista das candidaturas. É uma forma de colocar o foco nas propostas. O nome 'Bancada Feminista' é maior do que qualquer uma de nós", defende. A porta-voz do movimento é Paula Nunes, que empresta seu CPF para representar o grupo nas urnas.

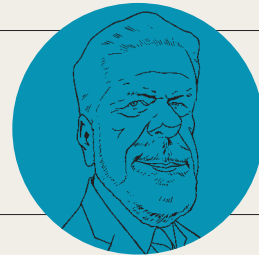
MAIOR DIVERSIDADE

Candidaturas coletivas

Total das candidaturas

Fonte: Pesquisa "Movimentos sociais, partidos e representação: o caso dos mandatos coletivos", coordenada por Débora Rezende de Almeida, professora associada do Instituto de Ciência Política, da Universidade de Brasília (UnB)

Nestas eleições, pela primeira vez, o Senado também poderá ser disputado por candidaturas em grupo. Pedro Ivo é o porta-voz do Mandato Coletivo, que concorre com oito colegas a uma única vaga pelo Distrito Federal. "Temos a sensação de que a democracia ficou obsoleta, e esse modelo de mandato coletivo é uma forma de trazer elementos novos da democracia participativa para a democracia representativa", esclarece.

O Mandato Coletivo conta com representantes de diversos segmentos, incluindo educadores, indígenas, ambientalistas, jovens. "Estamos alinhados em torno de uma pauta progressista. Nosso objetivo é defender o Cerrado e 'suas gentes' contra essa onda conservadora." Neste caso, nem todos os cocandidatos estão filiados ao mesmo partido. Pedro Ivo é da Rede, alguns de seus colegas são do PSOL, outros não militam em partido algum, são representantes da sociedade civil organizada.

A professora Débora Rezende não arrisca dizer que o modelo vai emplacar no Brasil como ocorreu na Europa, mas acredita que, por ora, tem sido um importante instrumento para democratizar um sistema marcado pela subrepresentatividade de minorias e integrantes de movimentos sociais. "As candidaturas coletivas têm o potencial de abrir o debate no sistema político. Não é possível, por exemplo, que a gente ainda tenha apenas 15% de representação feminina no Parlamento." •

JAQUES WAGNER

Democracia sempre

▶ A eleição de 2022 não representa o debate entre dois projetos políticos distintos. O que está em jogo, na prática, é a sobrevivência do Estado Democrático de Direito

O Brasil encontra-se numa encruzilhada histórica. O resultado das eleições não definirá apenas quem governará o País pelos próximos quatro anos. O povo decidirá, a partir do resultado soberano das urnas, se seguiremos trilhando essa desastrosa marcha da insensatez, promovida pelo atual governo, ou se voltaremos a ser uma nação admirada internacionalmente, com plena democracia e capacidade de sonhar com dias melhores.

Tenho insistido na ideia de que a eleição de 2022 não representa o debate entre dois projetos políticos distintos. De um lado, infelizmente, temos um presidente que provou reiteradas vezes o seu despreparo para liderar a nação, sem qualquer proposta concreta, apenas pregando ódio e violência. De outro, felizmente, temos a presença do ex-presidente Lula, que se apresenta como a verdadeira e única alternativa de um Brasil que quer paz para voltar a crescer e a sorrir.

Diante deste embate crucial e de um cenário de permanentes ameaças, que flerta de forma constante com a possibilidade de uma ruptura institucional, vimos nos últimos meses se consolidar no Brasil uma atmosfera de convergência, com foco na defesa intransigente do Estado Democrático de Direito, só antes vista no movimento das Diretas Já. Há quase 40 anos, esse episódio marcante da nossa história foi fundamental para superarmos a ditadura e redemocratizarmos o País.

Iniciativas recentes, como o ato em defesa da democracia na Faculdade de Direito da USP, com a leitura de uma carta assinada por mais de 1 milhão de brasileiros, bem como o manifesto articulado pela Fiesp, que contou com adesão de dezenas de entidades, traduzem esse sentimento coletivo.

Nesse sentido, a chapa formada por Lula e Geraldo Alckmin reúne nomes que pensam diferente em muitos aspectos, mas que estão unidos na defesa da democracia, do respeito ao próximo, da solidariedade e do comprometimento com a reconstrução do Brasil. Temos, de um lado, um homem que governou o Brasil por oito anos e, de outro, um nome que governou o maior estado da federação. Duas pessoas com tarimba e larga experiência para recolocar o Brasil nos trilhos do crescimento.

A construção desse pacto nacional é a resposta natural a um ambiente permanente de instabilidade, produzido pelo atual presidente e amplificado por sua turba de seguidores que repetidas vezes põe em risco a normalidade democrática, atacando as instituições da República e desacreditando o sistema eleitoral brasileiro.

Lula tem plena consciência de que é indispensável neste momento uma unidade nacional, construindo pontes, dialogando com os mais diferentes setores e lideranças, para que consigamos recolocar o País no caminho do crescimento, da prosperidade e da inclusão social. Há um entendimento da maioria da nossa sociedade de que o atual momento pede essa convergência. O Brasil não aguenta mais quatro anos de um desgoverno que nos últimos anos só fez colecionar retrocessos.

A diversidade de forças e de lideranças que se colocam ao lado de Lula consolida sua candidatura como a única capaz de interromper este ciclo de horrores em que o Brasil mergulhou nos últimos anos e de garantir a saúde e a sobrevivência da nossa democracia. Como bem explicou o presidente Lula, parafraseando uma citação do mestre Paulo Freire, “há momentos em que precisamos unir os diferentes para derrotar os antagônicos”.

Cabe também resgatar algumas palavras do próprio Lula, que, em junho de 2002, na conhecida “Carta ao Povo Brasileiro” nos lembrou que o “Brasil é bem maior que todas as crises”. Neste texto, ele dizia que o País queria “mudar para crescer, incluir, pacificar”, e conclamou todos que querem “o bem do Brasil a se unirem em torno de um programa de mudanças corajosas e responsáveis”. Palavras ditas por Lula há 20 anos, mas que cabem perfeitamente diante do desafio eleitoral que se avizinha.

Em 2018, ganhou a eleição para presidente o projeto da fome, do desemprego, da falta de valorização do salário mínimo, do aumento das queimadas na nossa Amazônia. Por isso, no próximo dia 2 de outubro, vamos sair de casa com o coração cheio de fé, paz e esperança. Vamos devolver ao Brasil a chance de se reencontrar com um projeto de desenvolvimento com foco na prosperidade, na solidariedade e na justiça social.

Se há quatro anos, o sentimento que dominou grande parte do eleitorado brasileiro diante das urnas foi o de ódio, agora temos a chance de fazer a esperança – aquela mesma que no passado venceu o medo – predominar no coração dos eleitores. E assim o faremos. Sem medo de ser felizes. •

sen.jaqueswagner@senado.leg.br

BAPTISTÃO

A imprensa e suas liberdades

ANÁLISE O exercício do pleno direito à opinião e à informação é incompatível com o controle exercido pelos monopólios midiáticos

POR LUIZ GONZAGA BELLUZZO

O ataque desvairado do deputado Douglas Garcia à jornalista Vera Magalhães detonou explosões de indignação nos profissionais da mídia brasileira. Reações justíssimas e bem-vindas. Nesse momento são reiteradas as agressões às liberdades, especialmente àquelas abrigadas no direito de expressão e crítica.

A propósito de defesas e ataques à liberdade de expressão, Milly Lacombe, em sua coluna no UOL, fez uma avaliação dos comentários de Vera Magalhães a respeito de episódios recentes na conturbada vida política dos Tristes Trópicos:

"Quando a caravana de Lula foi recebida a pauladas no Sul do Brasil, Vera disse que pedradas faziam parte da política. Quando Lula foi ao velório de dona Marisa, Vera debochou e sugeriu que nos casássemos com alguém que não fosse fazer comício em seu velório. Quando Manuela D'Ávila foi 62 vezes interrompida no *Roda Viva*, Vera disse que era do jogo e que estava acostumada a atuar em ambientes cheios de homens, indicando que Manuela fazia drama ao reclamar da impossibilidade de concluir um pensamento sequer. Quando Boulos foi contratado como colunista da *Folha*, Vera democraticamente sugeriu que ele fosse desligado, dado que, segundo ela, Boulos estava associado ao banditismo".

Entre os direitos a serem preservados na sociedade democrática de massa ressalta a preciosa garantia do acesso à informação e, sobretudo, à diversidade de opinião. Vera Magalhães, no exercício de suas prerrogativas, buscou impedir que Boulos as exercesse. Há tempos, escrevi nas páginas de nossa brava e sobrevivente *CartaCapital* a respeito do relatório final da Comissão sobre a Liberdade de Imprensa, nomeada pelo Congresso dos Estados Unidos no imediato pós-Guerra. Concluído em 1947, o relatório advertia: existe uma razão inversamente proporcional entre a vasta influência da imprensa na atualidade e o tamanho do grupo que pode utilizá-la para expressar suas opiniões. Enquanto a importância da imprensa para o povo aumentou enormemente com o seu desenvolvimento como meio de comunicação de massa, "diminuiu em grande escala a proporção de pessoas que podem expressar suas opiniões e ideias através da imprensa".

> Os senhores da mídia **empenham-se em abastardar as faculdades** de compreensão dos indivíduos

O relatório procurou apontar "o que a sociedade tem direito de exigir de sua imprensa". Definiu duas regras essenciais para o legítimo exercício da liberdade de informação e de opinião: **1.** "Todos os pontos de vista importantes e todos os interesses da sociedade devem estar representados nos organismos de comunicação de massa". **2.** "É necessário que a imprensa dê uma ideia dos grupos que constituem a sociedade. Dizer a verdade a respeito de qualquer grupo social – sem excluir suas debilidades e vícios – inclui também reconhecer os seus valores, suas aspirações, seu caráter humano."

As recomendações exaradas no relatório da Comissão sobre a Liberdade de Imprensa refletem o espírito do tempo nos Estados Unidos e na Europa Ocidental: a aposta no aperfeiçoamento dos processos de controle democrático sobre o Estado e

O circo da notícia. Os "heróis" da liberdade de expressão de hoje agiam como censores ontem. A sorte deles é que os brasileiros têm memória curta

PEDRO FRANÇA/AG. SENADO

o poder privado. O trauma das duas guerras mundiais e da Grande Depressão saturou o ambiente intelectual dos anos 40 do século XX da rejeição ao mercado despótico e ao totalitarismo político. O sociólogo Karl Mannheim, pensador representativo de sua época, escreveu, em 1950, no livro *Liberdade, Poder e Planejamento Democrático*: "... não devemos restringir o nosso conceito de poder ao poder político. Trataremos do poder econômico e administrativo, assim como do poder de persuasão que se manifesta através da religião, da educação e dos meios de comunicação de massa, tais como a imprensa, o cinema e a radiodifusão". Para Mannheim, deve-se temer menos os governos, que podemos controlar e substituir, e muito mais os poderes privados que exercem sua influência no "interior" das sociedades capitalistas.

Na aurora do século XXI, as forças democráticas sobreviventes, aqueles que ainda conseguem respirar no "admirável mundo novo" construído pelo capitalismo da finança e das *fake news*, mal conseguem defender o que restou dos direitos sociais e econômicos obtidos pelos subalternos no imediato pós-Guerra. Os meios de comunicação empresariais nativos reivindicam a neutralidade e a isenção. Ingenuidade ou excesso de esperteza? O relatório de 1947 não advoga a neutralidade impossível, mas reconhece a disparidade de situações sociais e defende a diversidade de visões do mundo. Compelida pela disputa de audiência, a mídia contemporânea, não raro, é arrastada para o abismo da vulgaridade. O âncora do *Jornal Nacional*, William Bonner, conseguiu escapar, certa vez, de seu *teleprompter*: confessou que a grande mídia repercute e realimenta as simplificações e *slogans* no afã de manipular a "massa informe dos Homer Simpsons".

Para manter o *status quo*, os senhores da informação e da opinião empenham-se em abastardar as faculdades de compreensão dos indivíduos entregues à solidão em meio à bulha das multidões. No interior da sociedade de massa, a relação perversa entre a linguagem midiática e o desamparo dos indivíduos sem relações acolhedoras instiga a prática de tropelias e brutalidades. As redes sociais, prometidas como o espaço do movimento livre de ideias e opiniões, transformaram-se num calabouço policialesco em que a crítica é substituída pela vigilância. A vigilância exige convicções esféricas, maciças, impenetráveis, perfeitas. A vigilância deve adquirir aquela solidez própria da turba enfurecida disposta ao linchamento. Não se trata de compreender o outro, mas de vigiá-lo. As boas intenções naufragam nas águas profundas e traiçoeiras das oligarquias globais.

A defesa da liberdade de opinião e de informação é fundamental para a sobrevivência do espaço público democrático, mas incompatível com o controle social e político exercido pelos monopólios midiáticos. Esses poderosos e seu séquito empoleirado nas redes antissociais defendem seus privilégios com eficiência crescente numa sociedade encantada pela "inversão" de significados e pelo ilusionismo da liberdade de escolha do indivíduo-consumidor.

O leitor atilado há de julgar se, no Brasil, a liberdade de opinião e de informação tem se ampliado e favorecido o esclarecimento dos cidadãos ou se transformado em seu contrário, um exercício do poder monopolista que viola os direitos reconhecidos como essenciais. •

Tudo é política

PROTAGONISTA Déia Freitas, do *podcast* Não Inviabilize, lança uma série sobre vidas transformadas por programas sociais

POR GRASIELLE CASTRO

Vítima de transfobia na infância e tráfico de pessoas na juventude, a transexual Dandara, 41 anos, viu a história de sua vida tomar um novo rumo após conseguir uma bolsa do ProUni (Programa Universidade para Todos) em 2007. Só depois de ingressar no ambiente acadêmico a transexual pôde perceber que poderia ter uma vida digna e ocupar outros espaços. "É muito significativa a história de Dandara, porque a gente vê que ela estava à beira do abismo, agarrou uma oportunidade e mudou radicalmente a vida para melhor. E o programa é para que a pessoa acredite no seu potencial, mas, para que isso aconteça, a oportunidade precisa existir", resumiu Fernando Haddad, ex-ministro da Educação e candidato a governador de São Paulo pelo PT .

O relato da trajetória de Dandara, com comentário de Haddad, é o primeiro episódio do *Especial Políticas Públicas*, elaborado pela *podcaster* Déia Freitas, idealizadora do Não Inviabilize – canal de grande sucesso nas plataformas dedicado a crônicas da vida real. Em uma sequência de quatro partes, Freitas conta histórias emocionantes de beneficiários de programas como o Bolsa Família e o Minha Casa Minha Vida. A série, afirma, foi lançada neste momento que antecede o primeiro turno das eleições para deixar mais claro na cabeça dos ouvintes que é possível apostar em um governo compromissado com políticas públicas, a partir do retorno do ex-presidente Lula à Presidência da República. "Chegou o momento de se posicionar e lutar pelo bem maior, a manutenção da dignidade. Esse é meu ato democrático voluntário para a retomada de algo que estamos perdendo ao longo dos últimos anos: a esperança."

Ainda no início do ano, a *podcaster* começou a reunir relatos e a pedir no Twitter para seus ouvintes indicarem histórias. Segundo ela, foram muitas, especialmente em relação ao ProUni, e demonstravam como brasileiros conseguiram sair de uma situação de pobreza por meio da educação. "Isso me deixou muito emocionada, foram cerca de 200 casos. Eu contei um, e escolhi contar a história de uma travesti para poder abordar também esses assuntos. Eu não imaginava o alcance que esse programa teve, como mudou a vida de jovens."

> "É meu ato voluntário para a retomada de algo que estamos perdendo ao longo dos últimos anos: a esperança"

No episódio sobre o programa educacional, Haddad também afirma que não imaginava como o ProUni mudaria a vida de tanta gente. "São mais de 3 milhões de brasileiros. Sempre que estou em algum evento, aparece alguém com um cartaz falando sobre o ProUni. Ouvir essas histórias me deixa muito feliz."

Além de Dandara, outro protagonista de um episódio que teve a vida transformada pelo programa é Guto. Após conseguir ingressar no ensino superior, com uma bolsa, ele se formou em engenharia elétrica e passou em um concurso público. Só o valor do vale-refeição é a soma do salário de toda a família que o havia sustentado. "Fiz faculdade pelo ProUni, meu irmão estudou no instituto federal, minha irmã também teve bolsa no ensino superior, trabalho no programa Escola da Família. Ambos compraram casa pelo

Minha Casa Minha Vida e muitas outras coisas que vieram para nos dar apoio social e de desenvolvimento. Cada oportunidade dessas na vida das pessoas é uma semente plantada que vai gerar muitos frutos no futuro”, diz Guto.

Para Déia Freitas, contar essas histórias serve para reafirmar a importância da política no dia a dia. “Existe um pouco de dificuldade das pessoas em entender bem, quando a gente fala sobre política. Geralmente, pensam em roubalheiras, corrupção, que político não faz nada. Mas as pessoas não entendem que, quando a gente fala sobre direitos básicos, também estamos falando sobre política.”

Nos últimos dias, o Twitter do *podcast* foi inundado de comentários de ouvintes que se emocionaram com as histórias e os agradecimentos por uma explicação simples sobre o que é política pública. “Fiquei feliz com o resultado, eu estava

Posicionamento. Com mais de 100 milhões de *plays* no Spotify, Déia Freitas estava preparada para insultos e ameaças. O ProUni é uma das políticas públicas retratadas na série

VIKTOR BRAGA/UFC E REDES SOCIAIS

preparada para uma onda de ódio bem maior, mas só vi um dizendo que ficou decepcionado, mas não é a primeira nem vai ser a última história que conto e que deixa alguém decepcionado.”

Logo no início do especial, Freitas achou por bem, no entanto, fazer uma ressalva para se precaver de questionamentos sobre o motivo de um *podcast* de crônicas falar sobre o assunto: “Tudo é política. O ser humano é um ser político, tudo na vida é política, o ato de comer, de se expressar, de se vestir, de ir para lá e para cá, tudo envolve política”. A caminho dos 100 milhões de *plays* no Spotify, a *podcaster* ressalta que os episódios do Não Inviabilize são permeados por questões políticas, como nas crônicas que relatam casos de racismo ou abuso. “Estou falando sobre política, acho que falta às pessoas entenderem mesmo o que a política engloba.”

As questões sobre relacionamentos abusivos, que aparecem com frequência no quadro “Picolé de Limão” (com histórias ácidas geralmente sobre relacionamento), são aquelas com tom político mais evidente, por se tratar de direitos das mulheres. “Eu conto histórias de pessoas comuns que a gente pode encontrar todo dia. Muitas vezes, enquanto uma pessoa está ouvindo a história, ela se reconhece naquela situação e fala ‘poxa, então o que estou sofrendo aqui é abuso, isso não é legal’. De certa forma, é até educativo, como um sinal de alerta e as pessoas já usam bordões criados no programa, como ‘êe, fulaninha’, para situações em que uma cilada era nítida.”

Nesse campo, acredita Freitas, o *podcast* consegue deixar as mulheres mais espertas em relação a vários tipos de pequenos abusos. Ela espera que o impacto das políticas públicas na vida dos personagens selecionados também consiga deixar o eleitor mais esperto na hora de pensar sobre política. •

Abrace uma árvore

ARTIGO Proteger o meio ambiente é o único caminho para garantir a nossa sobrevivência enquanto espécie

POR CARLOS BOCUHY*

A percepção humana sobre a importância das árvores tem aumentado através dos tempos. O Dia da Árvore, que se comemora em 21 de setembro, foi criado há 150 anos, no estado de Nebraska, nos Estados Unidos, por J. Stearling Morton, editor de jornal entusiasta das espécies arbóreas. No primeiro Dia da Árvore, foram plantadas, por sua iniciativa, 1 milhão de mudas.

O efeito benéfico e a importância das árvores e matas são descritos com entusiasmo e preocupação por figuras ilustres, especialmente ao longo da recente história humana. No Velho Testamento, encontramos: "Ele será como uma árvore plantada junto às boas águas e que estende as suas raízes para o ribeiro. Uma árvore que não se afligirá quando chegar o calor, porque as suas folhas estarão sempre viçosas; não sofrerá de ansiedade durante o ano da seca, nem deixará de dar seu fruto".

No budismo, conta-se que debaixo da Árvore Bodhi, na cidade de Bodh Gaya (Índia), o príncipe Sidarta Gautama, ou Buda, alcançou a iluminação. A importância das florestas para prover serviços ambientais não passou despercebida ao Islã: o profeta Maomé delimitou uma área de 12 milhas, cinturão em torno da cidade de Medina, como reserva ambiental, onde era proibido cortar árvores ou matar animais. Elizabeth I da Inglaterra, em 1593, por meio de Ato do Parlamento, instituiu o Green Belt de Londres, para estancar a expansão urba-

na e criar o que os franceses conheciam como *cordon sanitaire*, elemento natural protetor contra as pragas.

A dimensão do valor das árvores ganhou contornos excepcionais quando as visões científicas mais ecossistêmicas se consolidaram. Quarenta anos antes da criação do Dia da Árvore, o jovem naturalista Charles Darwin esteve no Brasil. Aportou em 1832 e tinha apenas 23 anos. Nas incursões iniciais, maravilhou-se com as florestas tropicais do País. Registrou em seu diário, ao retornar a Londres: "Entre as cenas que me marcam profundamente, nenhuma ultrapassa em sublimidade as florestas primitivas como as do Brasil". Também o engenheiro agrônomo Mauro Victor, autor de *Brasil: o Capital Natural*, nos brinda com um relato intenso sobre a importância das árvores, das florestas e da biodiversidade no vídeo *Amazônia: de Charles para Charles*, produzido pelo Instituto Brasileiro de Proteção Ambiental e enviado ao rei Charles III.

Com relato intenso e revelador, são demonstradas as reações de Darwin diante do patrimônio ambiental brasileiro. Permitem um olhar paralelo entre as observações do naturalista britânico e as afirmativas do então príncipe Charles, quando estava à frente do Prince's Rainforest Project: "Estabelecer verdadeiros valores econômicos para os serviços prestados pelas florestas tropicais".

Uma estimativa razoável do valor do sistema de refrigeração planetário, que é toda a Amazônia, é de cerca de 150 trilhões de dólares, segundo o físico e consultor da Nasa James Lovelock. Os ecossistemas que dão sustentação à vida são cada vez mais preciosos e estão agora intrinsicamente ligados à sustentabilidade e à sobrevivência planetária. Esse desafio civilizatório tem raízes profundas, visíveis na passagem de Darwin pelo Brasil. O olhar de Darwin, se comparado à realidade atual, merece reflexão. Das florestas resulta hoje intensa devastação.

Nas regiões tropicais, onde se encontra a maior biodiversidade, a degradação florestal tem sido mais intensa. No cenário atual das mudanças climáticas, o ritmo de devastação das florestas tropicais tem chegado a 15 milhões de hectares ao ano, com os aumentos que assolam a Bacia do Congo, na África, com a quase destruição da Indonésia, e a inaceitável degradação da Amazônia, que segundo o Deter, do Inpe, contabilizou, em agosto deste ano, mais de 1,6 mil quilômetros quadrados, expansão de 80% em relação a agosto do ano anterior.

É tragédia anunciada. A Amazônia contabiliza 3 milhões de quilômetros de estradas ilegais, 1.261 pistas de pouso clandestinas e uma rede de criminalidade organizada mapeada pela Polícia Federal, com ramificações internacionais. Estudos históricos sobre o desmatamento no Brasil demonstram as causas desse processo devastador: cultivo itinerante, corte, queima e *commodities*. Esse é justamente o modelo perverso, da economia da espoliação, que devastou a Mata Atlântica e que atualmente foi transferido para a Amazônia.

Quando Darwin visitou o Brasil, o estado de São Paulo era coberto em 80% por vegetação nativa. Nos primeiros relatos, José de Anchieta afirmava a seu prior, em Portugal: "No Planalto de Piratininga chove dia sim e dia não, seja no inverno ou no verão".

Após destruir a Mata Atlântica, o Brasil avança na devastação da Floresta Amazônica

Do século XVI para o XXI ocorreram grandes transformações. São Paulo teve sua vegetação nativa reduzida a 8% no fim do século XX. Hoje enfrenta tempestades de poeira no norte do estado, provocadas pela terra solta decorrente de um modelo de monocultura insustentável. O cerrado paulista está em extinção, com fortes sinais de desertificação, em um cenário de emergência, fortemente sinalizada nos recentes relatórios do Painel Intergovernamental das Mudanças Climáticas.

Da mesma forma que o cerrado desaparece em São Paulo, os alertas sobre o ponto de não retorno da Amazônia são cada vez mais fortes e comprovados. A floresta começa a definhar em sua capacidade de sequestrar carbono, em pleno processo de desertificação. O que observamos hoje na Floresta Amazônica é o mesmo modelo predatório que devastou intensamente a Floresta Atlântica. O príncipe Charles afirmou, no início do século XXI: "Eu não poderia enfrentar meus netos – ou os seus – a menos que soubesse que tinha aproveitado a oportunidade de tentar fazer algo para garantir que eles tenham um futuro razoável".

A sensibilização sobre a importância das árvores é um fato evidente na história da civilização. É preciso agir, mas isso nem sempre acontece. O governo paulista extinguiu no ano passado os institutos Florestal e de Botânica. A resposta nos deu Darwin, ao vaticinar: sobrevivem aqueles que melhor se adaptam. Além de combater as emissões de carbono diante das mudanças climáticas, proteger e plantar árvores estará cada vez mais presente em nossa lição de sobrevivência. •

**Presidente do Instituto Brasileiro de Proteção Ambiental (Proam).*

ISTOCKPHOTO

Benefícios duvidosos

POLÍTICAS PÚBLICAS Sem provas de eficácia, as renúncias fiscais ampliam a desigualdade de renda no País

POR WILLIAM SALASAR

A cada quatro anos, 12 meses inteiros de arrecadação da União, cerca de 400 bilhões de reais, deixam de entrar nos cofres públicos por causa das renúncias fiscais, isenções de impostos que beneficiam sobretudo empresas cujos nomes são mantidos sob sigilo e desobrigadas de comprovar os resultados prometidos pela desoneração. Pior, as renúncias ampliam a crônica desigualdade de renda do País, ao encolher a base de cálculo sobre a qual incidem os gastos mínimos constitucionais em saúde e educação e, de quebra, não se subordinam às limitações orçamentárias.

Essa é a conclusão da pesquisa "Renúncia de Receita e Desigualdades: Um Debate Negligenciado", elaborada pela diretora do Instituto Justiça Fiscal, Rosa Chieza, também professora dos programas de pós-graduação em Economia Profissional e em Política Social e Serviço Social da Universidade Federal pelo Rio Grande do Sul, e pela estudante de Economia Anne Kelly Linc. O estudo foi um dos vencedores do I Prêmio Orçamento Público, Garantia de Direitos e Combate às Desigualdades promovido pela Associação Nacional dos Servidores de Carreira de Planejamento e Orçamento (Assecor) e a Fundação Tide Setubal. O propósito da premiação é reconhecer trabalhos e pesquisas que abordem o tema das finanças públicas não só a partir de uma perspectiva de sustentabilidade fiscal, mas dos efeitos sobre o desenvolvimento social e o combate à desigualdade de raças, de renda e da garantia dos direitos para a população.

O estudo não tem o objetivo de condenar a política de renúncia fiscal, diz Chieza, mas de incorporar as isenções à mensuração dos resultados do gasto público, até para se comprovar, ou refutar, a tese de que geram crescimento e desenvolvimento. "Nem os Tribunais de Contas monitoram e avaliam os resultados desses gastos tributários. É uma política pública, financiada com recursos públicos, cuja opacidade impede mensurar a qualidade desses dispêndios, em oposição aos demais executados por meio do orçamento. Por isso falamos de um debate negligenciado."

Segundo o trabalho, as renúncias fiscais têm ampliado as disparidades sociais, ao reduzir o valor da base de cálculo sobre a qual incidem os gastos mínimos constitucionais em saúde e educação, principais responsáveis pela redução da desigualdade no Brasil, conforme várias pesquisas, inclusive um estudo de 2015 da Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina. "Quando se consideram o total de renúncias da União e os gastos mínimos constitucionais, os orçamentos da saúde e a educação deixaram de receber 43,68 bilhões e 65,52 bilhões de reais, respectivamente, em 2020, ano em que a pandemia vitimou 194.949 brasileiros e registrou um aumento da desigualdade. Assim, a política de renúncia, ao retirar recursos de direitos sociais e transferir a grupos de maior poder e não passíveis de efetiva mensuração de resultados, tende a ampliar o fosso", frisa Chieza. A pesquisadora ressalta ainda o descumprimento de dispositivos da Lei de Responsabilidade Fiscal, segundo os quais incentivos não podem afetar as metas de resultados fiscais dos governos e, quando afetam, têm de ser compensados com aumento de impostos. "Você conhece algum caso no qual o Parlamento aprovou a renúncia de receita e ao mesmo tempo o aumento de tributos para compensar aquela renúncia?", pergunta. "Se a LRF fosse cumprida, o cidadão tomaria conhecimento de que precisou pagar mais tributos porque o Poder Púbico abriu mão de arrecadação em favor de determinadas empresas ou grupos."

> O Brasil deixa de arrecadar cerca de 100 bilhões de reais por ano com as isenções

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 42
The Observer. Terá chegado ao fim a era de ouro das empresas de tecnologia?

Estudo. Chieza, do Instituto Justiça Fiscal, aponta em trabalho premiado os efeitos negativos das desonerações sobre a saúde e a educação

ADUFRGS/SINDICAL E CRISTINE ROCHOL/PMPA

Além da necessidade de rigor quanto ao cumprimento das normas, as pesquisadoras propõem, dada a relevância social e econômica das políticas em saúde e educação, que se leve em conta a totalidade das desonerações na base de cálculo que define os orçamentos mínimos nestas duas áreas, pois a renúncia fiscal reduz os respectivos orçamentos, cujos dados são transparentes e passíveis de mensuração, entre eles o Índice de Desenvolvimento em Educação Básica e o custo mensal *per capita* do Sistema Único de Saúde.

Diretor do Centro de Cidadania Fiscal, Bernard Appy reforça a necessidade de se verificar se o custo da renúncia fiscal justifica o benefício invocado para a sua criação. "Sem dúvida, é preciso fazer análise de custo e de impacto das políticas de desoneração tributária", defende. "Sobretudo, tem que tomar muito cuidado para não misturar benefício ao negócio com benefício à renda do dono do negócio." Mentor de uma das propostas de reforma tributária empacadas no Congresso, Appy enumera várias distorções dos benefícios que acentuam, em vez de minorar, a desigualdade, como a desoneração da cesta básica. "É uma forma ineficiente de fazer política distributiva, porque, ao desonerar a cesta básica de alimentos, está se desonerando, em termos absolutos, mais o rico do que o pobre, pois o rico gasta mais do que o pobre com a cesta básica de alimentos. Então, se é o caso de entender a desoneração como ato do governo de transferir dinheiro para os indivíduos, ao desonerar a cesta básica transfere-se mais dinheiro para as famílias ricas do que para as famílias pobres." Uma das bases da proposta de reforma dos impostos defendida pelo economista é tributar tudo por igual e vitaminar os programas de transferência de renda.

Outra distorção é a desoneração da folha de salários, que beneficia 17 setores econômicos. Todos os estudos elaborados demonstram que a iniciativa não tem efeito sobre o emprego, exceto para os desenvolvedores de *software*. No âmbito do Imposto de Renda, Appy cita as despesas de saúde, hoje integralmente dedutíveis. "Por que não colocar um limite, como existe para despesas com educação? A família de classe média pode deduzir o gasto com saúde, a família rica terá uma dedução até um certo nível. Geralmente, o pessoal tem seguro-saúde. Então, um seguro-saúde básico é dedutível, mas um seguro-saúde dos mais caros do mercado não deveria ser integralmente dedutível." Na mesma linha, o especialista defende limites no caso de aposentados. "A isenção total poderia valer, por exemplo, para um aposentado que ganha 5 mil reais por mês. Agora, por que alguém com renda de 30 mil a 40 mil reais por mês com moléstia grave tem isenção total, enquanto quem ganha salário mínimo vai ao SUS? Isso custa cerca de 15 bilhões de reais por ano, não é pouco dinheiro." •

Vale de lágrimas

TheObserver Juros em alta, custos crescentes e maior pressão dos legisladores vão encerrar a era de ouro das *Big Techs*?

POR KARI PAUL, DE SÃO FRANCISCO

Enormes demissões no Snapchat, quedas drásticas na avaliação da Meta e da Apple e congelamento de contratações em outras grandes empresas de tecnologia estimularam uma pergunta cada vez mais comum: a era de ouro do Vale do Silício está perto do fim? A resposta é complicada, dizem especialistas. A indústria tecnológica está em crescimento impressionante há algum tempo, impulsionada nos últimos anos pela pandemia, que forçou a maior parte do mundo a viver *online* e aumentou a demanda por serviços de tecnologia. Essa explosão – e os altos salários e benefícios que vieram com ela – parece estar em fase de desaceleração. "Essa festa não poderia durar para sempre", disse Margaret O'Mara, professora da Universidade de Washington e autora de *The Code: Silicon Valley and the Remaking of America* (*O Código: o Vale do Silício e a Reconstrução da América*). "De muitas maneiras, estamos voltando ao normal depois de uma grande corrida durante a qual tudo ficou superdimensionado."

Essas tendências são exacerbadas por uma desaceleração global maior, à qual o mundo da tecnologia não está imune, acrescenta O'Mara. O Federal Reserve elevou as taxas de juro três vezes em 2022, e mais aumentos são esperados. O ambiente anterior de taxas baixas tinha reforçado o *boom* tecnológico e criado um desfile de "unicórnios", empresas cujas avaliações ultrapassam 1 bilhão de dólares. Exemplos notáveis incluem a Airbnb e a Uber, avaliadas em 47 bilhões e 82 bilhões de dólares em suas respectivas ofertas públicas. Mas, à medida que as taxas de juro mudam, disse O'Mara, há "menos dinheiro em circulação" e os investidores vão aplicá-lo "de maneira muito mais criteriosa". A professora acrescenta: "Alguns investidores ainda terão dinheiro, mas durante uma crise como esta o fluxo dos negócios vai esfriar".

O rápido crescimento também foi moderado por uma série de histórias de advertência de alto nível, do declínio da WeWork ao colapso da Theranos, empresa de exames de sangue que ganhou popularidade em um ambiente positivo de mídia e acumulou uma avaliação de mais de 1 bilhão de dólares antes que se descobrisse que suas informações eram falsas. Essas histórias, juntamente com um maior escrutínio da indústria de tecnologia em geral na última década, incluídas revelações de denunciantes contra o Facebook e interrogatórios públicos de executivos de tecnologia no Congresso, têm abalado a imagem do Vale do Silício. Mesmo alguns de seus defensores mais influentes, como o ex-presidente Barack Obama, parecem ter reconsiderado. Obama usou extensamente o Facebook em sua campanha de 2008 e elogiou a empresa em seu discurso sobre o Estado da União de 2011, mas condenou seu papel na disseminação de desinformação, particularmente em torno das eleições, numa recente palestra na Universidade Stanford. "Uma das maiores razões para o enfraquecimento da democracia é a profunda mudança que ocorreu na forma como nos comunicamos e consumimos informações", disse.

> "Essa festa não poderia durar para sempre", afirma Margaret O'Mara, da Universidade de Washington

Legisladores e agências federais dos EUA agora entraram na briga. Com a crescente ação da Comissão Federal de Comércio e a legislação iminente do Congresso, as *Big Techs* podem estar diante de seus maiores obstáculos até hoje. A percepção pública da tecnologia em geral também mudou, com 68% dos norte-americanos convencidos de que as empresas de tecnologia têm poder e influência demais na economia, acima dos 51% em 2018. "Os norte-americanos realmente não gostam de grandes coisas. Ficam preocupados com o poder concentrado", disse O'Mara. "Ninguém consegue ser a criança de ouro e ser uma empresa de 2 trilhões de dólares. Faz parte do ciclo de vida."

A geografia do Vale do Silício também está em mutação, segundo especialistas. Um termo que abrange a área ao sul de São Francisco, o Vale consolidou-se por quase um século na visão pública como

Cerco. O Facebook e outras redes sociais respondem a ações na Justiça por práticas monopolistas ou por esconder informações das autoridades

ISTOCKPHOTO

centro de inovação. Começou sua ascensão como centro de tecnologia quando as operações militares dos Estados Unidos estabeleceram locais para contratos de pesquisa a partir dos anos 1930, tendência que continuou na esfera privada nas décadas seguintes. Mas a indústria tecnológica se expande muito além da Área da Baía da Califórnia, tendência acelerada pela pandemia. Em 2021, a empresa de carros elétricos Tesla mudou sua sede para Austin, no Texas, após movimentos semelhantes de outras companhias de tecnologia como Oracle e Hewlett-Packard.

Isso também se refletiu nas contratações, disse Brent Williams, que trabalha na agência de recrutamento Michael Page. Segundo ele, é parte do efeito que a indústria chama de "inverno do capital de risco". "A Covid mudou todo o jogo", disse. "Tornou-se extremamente competitivo para as empresas adquirirem talentos, porque elas procuram não apenas profissionais na baía, mas em todos os EUA."

Essa tendência, juntamente com o surgimento das políticas de trabalho a partir de casa, teria sido chocante em tempos pré-pandemia, quando as companhias *tech* investiram bilhões em amplos escritórios e ofereciam aos funcionários vantagens como transporte de ida e volta ao trabalho e refeições elaboradas no local.

Apesar da crescente lista de obstáculos, "o Vale do Silício continua incrivelmente robusto", acredita Nicholas A. Bloom, professor de economia de Stanford. A região passou por "vários ciclos", incluídas as desacelerações em 2001 e 2008, e se recuperou a cada vez, acrescentou. "Embora algumas empresas possam ter migrado para fora por causa do trabalho remoto e da globalização, o Vale do Silício ainda é o marco zero, sem nenhuma outra área que chegue perto de sua proeminência na indústria."

De fato, concorda O'Mara, é improvável que vejamos uma grande mudança no legado do Vale ou em seu lugar físico no coração da baía. "A Área da Baía e São Francisco têm uma atração resiliente e qualidades distintas que são difíceis de replicar em outros lugares. Há uma razão pela qual muita gente vai morar lá. Querem estar lá." Isso continua a ser verdade, apesar de a Califórnia enfrentar uma crise habitacional, com trabalhadores a migrar para estados mais baratos. "O obituário da indústria foi escrito prematuramente algumas vezes", acrescenta a acadêmica. "Pode ser o fim de uma era para o Vale do Silício, mas é improvável que seja o fim do Vale do Silício." •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

“MUDANÇA DE CLIMA NÃO TEM FRONTEIRA”

PAUL POLMAN, ex-CEO da Unilever, autor do livro *Impacto Positivo*

Mercado secundário

▶ O Nubank vai sair da Bolsa brasileira menos de um ano após abrir o capital

A saída do Nubank da Bolsa brasileira e a escolha de manter-se no mercado de ações de Nova York é um “alerta vermelho” para o mercado de capitais nacional. “É mais um farolzinho vermelho piscando ‘o custo Brasil é alto’, o que é muito ruim para o País”, adverte Gabriel Emir Moreira e Silva, superintendente da área de Projetos da Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis, Atuariais e Financeiras. “Se o Brasil não se mexer para ser mais eficiente em termos de custos, haverá cada vez mais empresas a não priorizar suas operações no mercado local.” Gabriel Meira, especialista em ações da Valor Investimentos, reforça: “Possivelmente, teremos mais empresas de capital aberto optando por listar suas ações lá fora, porque o acesso a capital é mais barato, o procedimento é mais simples e o investidor nos EUA está mais acostumado a investir em empresas de crescimento, caso do Nubank, do que aqui no Brasil”. Depois de menos de um ano da abertura de capital nas duas Bolsas, o Nubank anunciou o cancelamento do registro na B3 em favor da Nyse. “Pegou muito mal no mercado”, diz Meira. “É uma facada no investidor que, lá atrás, comprou um papel mais caro ver o Nubank lhe virar as costas.”

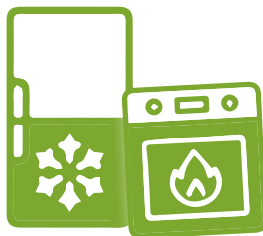
DRONES ECOLÓGICOS

A Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (EMBRAPII), por meio da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, apoiou a *startup* Sardrones, de Ribeirão Preto (SP), no desenvolvimento do *Dispenser Voador Sardrones*. São copos biodegradáveis que carregam agentes biológicos a serem distribuídos nas lavouras por meio de drones, conforme a dosagem e o mapeamento predefinidos pelo produtor. O aplicativo desenvolvido em projeto apoiado pela EMBRAPII identifica as áreas onde foram lançados os agentes biológicos, possibilitando acesso a informações mais precisas e em tempo real de dados como temperatura, hora e local de distribuição.

Climão

Pesquisa da ONU, com apoio de instituições como BlackRock, BNP Paribas e Goldman Sachs, calcula que investidores podem sofrer perdas irreparáveis de 150 bilhões de dólares se prosseguir o desmatamento associado a *commodities* responsáveis pelo grosso do impacto ambiental negativo: carne bovina, soja, óleo de palma, celulose e papel. O estudo pondera os riscos climáticos das 40 maiores companhias do setor de alimentos e sua provável perda de valor de mercado, atualmente em 2,2 trilhões de dólares. Na média, as empresas podem perder 7,2% até o fim da década, com o setor de insumos caindo até 14% em valor de mercado.

Franquias

O Banco Santander anunciou duas iniciativas inéditas para futuros franqueados: redução da taxa para financiamento da abertura do negócio, a partir de 1,49% ao mês, e o faturamento futuro da franquia como salvaguarda, em vez das chamadas "garantias reais" (imóveis, veículos, ou investimentos em nome do empreendedor). O Santander tomará como garantia os recebíveis a performar para financiar até 50% do valor da abertura do novo negócio. Além disso, concederá prazo de até seis meses para o início do plano de pagamento do financiamento.

Encalhe

Os estoques de produtos de cinco dos maiores fabricantes de eletrodomésticos da China aumentaram 15% no primeiro semestre, para 98 bilhões de iuanes (14 bilhões de dólares), informa a agência de notícias Nikkei. Também saltaram nas duas maiores redes varejistas. A Gome Retail fechou o semestre com estoques para 81 dias, 50% acima do nível de três anos atrás. A Suning's encerrou 2021 com estoques para 50 dias, 25% acima do nível de 2020. Até 2010, as vendas de eletrodomésticos na China cresciam a taxas de dois dígitos por ano. Neste primeiro semestre, caíram 9% no primeiro semestre, no rastro da crise do mercado imobiliário.

NÚMEROS

25%

foi o aumento das vendas de caixas eletrônicos no Brasil em 2021, apesar do Pix

1 quatrilhão

de ienes as famílias japonesas têm disponível para investir no exterior

70 mil

motores por ano é a capacidade da primeira fábrica da Hyundai na América Latina, inaugurada em Piracicaba (SP)

ADAM SCHULTZ/CGI, NELSON ALMEIDA/AFP E EMBRAPII/ESALQ/USP

Luto e catarse

TheObserver A fila de 8 quilômetros no funeral da rainha Elizabeth traduz os impulsos mais rudimentares

POR RACHEL COOKE

O camarote da imprensa para o velório da rainha é uma construção discreta de madeira, pintada para combinar perfeitamente com as antigas paredes de Westminster Hall. Embora estivesse a uma distância discreta do catafalco em que repousava seu caixão, o local oferece um ponto de vista único, semelhante a estar nos bastidores de um teatro. Aqui pudemos observar tanto a plateia, quero dizer, o público, que desfila silenciosamente, quanto os atores, na forma da guarda que mantém vigília ininterrupta.

Os jornalistas não precisaram fazer fila para o velório de corpo presente da rainha, mas as vagas disponíveis são difíceis de encontrar, e por isso estava ali às 11 horas da noite. Achei que poderia me incomodar com isso, mas vejo que não. De alguma forma, a hora tardia só reforçou a atmosfera, ao mesmo tempo eletrizante e inefavelmente pacífica. Como explicá-la? Como colocar em palavras?

Em casa, é fácil ser cínico: as multidões, a fila, a enjoada sensação de teatralidade. Mas, no silêncio, tudo desapareceu. O mais chocante, ao menos para mim, não é o fato de a soberana estar deitada ali em um caixão. É que foi preciso ela morrer para impedir que as pessoas – ou ao menos essas pessoas – olhassem para suas telas. Os celulares são proibidos. Os visitantes devem olhar com os olhos e não com os antebraços levantados, e olhar com os olhos estimula o pensamento. Sentimentos se precipitam, emoções às quais não sou mais imune do que qualquer outro.

O que todas elas estavam pensando? São de todas as cores e credos, idades e classes possíveis. Algumas lutam para andar, apoiam-se pesadamente em bengalas e muletas. Outras, apesar de terem esperado horas para chegar a esse ponto, olham como se estivessem no retorno do escritório para casa. Algumas carregam Louis Vuittons e algumas M&S de plástico. Algumas usam ternos escuros e saltos altos, e algumas, agasalhos e tênis.

Era difícil prever quem parecerá emocionado. Do homem de sobretudo preto, chapéu-coco e medalhas, e o de camiseta dos Sex Pistols, é o fã de Johnny Rotten quem parece prestes a chorar, com o rosto franzido como o de um menino. Ninguém fala. Nem sussurra. Uma tosse perdida, no vasto espaço sob o maior telhado de madeira medieval do Norte da Europa, é tão alta quanto um tiro.

> Havia gente de todas as cores e credos, idades e classes

LOIC VENANCE/AFP E THE ROYAL FAMILY OFFICIAL

Depois de meia hora, saímos em fila. Mais uma vez, aquela sensação de bastidores: garrafas de água nos parapeitos, meio bebidas pelos porteiros ressequidos do Palácio de Westminster. Um policial cuidadosamente a vestir luvas brancas. A atividade é intensa nesta colmeia cerimonial, responsabilidade assumida por dezenas de voluntários e funcionários. Billy, o jovem que me guiou na hora marcada, trabalha em comunicações para comitês selecionados. Mas segurar minha mão esta noite não tem nada a ver com o trabalho dele. "É ótimo fazer parte disso", ele me diz. A que horas ele vai dormir? "Vou terminar às 7 da manhã", responde com perfeito entusiasmo.

Sinto-me como me senti no início da semana ao assistir às várias cerimônias e desfiles. A organização implacável, a precisão requintada, a beleza transcendental. Como essas coisas são possíveis num

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 52

Ucrânia. Surpreendida pela guerra longa, a Rússia enfrenta dificuldades

Despedida. A multidão espera resignada. Muitos falam em captar o "clima" da nação, como se bastasse um termômetro. A morte de Elizabeth se segue à pandemia

país onde nenhum trem parece estar no horário? Onde há tanta coisa quebrada, feia e negligenciada?

As ruas próximas do Palácio de Westminster estão fechadas ao trânsito e, lá fora, caminho um pouco. É quase meia-noite. Sem carros, há um espírito de festival, gente circula, estranhos conversam. Encontro a fila. Ela move-se a uma velocidade surpreendente. Os presentes acenam com suas pulseiras para os seguranças como se exibissem uma nova joia: um balanço de mão agora tão praticado que é quase régio. O clima é sorridente e gracioso. Ela avança sobre salgadinhos com sabor de carne.

Ao caminhar pela ponte de Westminster, começo a conversar com um policial, seus antebraços nus no calor fora de época desta noite de setembro. Ele é de Humberside. Quando chegou? "No domingo. Fomos avisados duas horas antes. Estou num hotel em Hammersmith." Gosta de sua mobilização histórica? Ele sorri. "Sim." Ele olha para o Big Ben, a torre magnífica contra o céu azul-marinho e nuvens cuja fofura sedosa me faz pensar, apropriadamente nas circunstâncias, em *traveller's joy* (a erva daninha conhecida como barba-de-velho). "Quero dizer, você não tem isso em Hull, tem?"

O clima da nação. Os britânicos falam em medi-lo, como se bastasse usar um termômetro. Mas não é tão fácil, claro. Somos um país de 67 milhões de almas. Temos razão em desconfiar daqueles remansos da mídia que insistem em uma universalidade de sentimento, em desconfiar dos comentaristas admoestadores que falam autoritariamente sobre "a população". A história nos ensina que há sempre uma lacuna entre o dito e o feito e visto. Nossos ancestrais não eram mais fáceis de ler do que nós, e menos homogêneos do que poderíamos imaginar, quando se tratava da questão do luto público. "Esta manhã,

Cerimonial. O rei Charles e o príncipe William agradecem aos súditos. O enterro tornou-se mais um evento turístico em Londres

vi o que pude, sobre as cabeças do cortejo fúnebre da rainha", escreveu Arnold Bennett em seu diário em 2 de fevereiro de 1901 (a rainha Vitória morreu em 22 de janeiro). "As pessoas não estavam, em geral, profundamente comovidas, por mais que digam os jornalistas, e sim serenas e alegres." Pode ser que nós mesmos estejamos divididos. Vejo a vitrine da loja Marie Curie local, os manequins agora usam vestidos pretos e pérolas, e isso me causa um nó na garganta. Leio o *e-mail* da Ryman's, que descreve roboticamente o respeito da papelaria pela falecida monarca, e sinto-me intensamente irritada.

Mas o ritual é importante, e não há como descontar a necessidade de alguns britânicos agora. A fila serpenteante, com seus 8 quilômetros, fala de nossos impulsos mais rudimentares, quase instintos, que no século XXI pagão têm cada vez menos canais de expressão. As gerações passadas sabiam chorar: as viúvas se vestiam de preto, joias feitas de azeviche e mechas do cabelo do morto. Os homens usavam chapéus pretos e braçadeiras. Eles entendiam que essas coisas não eram apenas uma questão de forma, mas também úteis: um sinal, para os não enlutados, da condição agonizante de alguém e um purgante para o sofrimento. Muito antes de conhecer a palavra "catarse", eu tinha uma ideia do seu significado. Quando eu era muito pequena, meus avós, em Sunderland, seguiam a tradição e mantinham as cortinas fechadas na manhã do funeral de um vizinho. "Pense como será bom quando as abrirmos mais tarde", vovó me disse quando expressei frustração. Na tarde de segunda-feira, quando o funeral da rainha finalmente terminar, muitos na Grã-Bretanha experimentarão algo semelhante: uma libertação, uma sensação de sol após a escuridão.

Quando olho para a fila, lembro-me de outra. Em 1954, quando os arqueólogos começaram a escavar o templo romano de Mitra na cidade de Londres, cerca de 400 mil homens, mulheres e crianças acorreram em um período de duas semanas para ver o que se passava. A multidão era tão grande que a polícia foi obrigada a controlá-la. Por quê? Parece óbvio agora que, por maior que fosse seu interesse por mosaicos, os curiosos estavam inconscientemente a aceitar a horrível estripação de suas cidades. Eles haviam suportado a *Blitz*, viviam em ruas cheias de crateras.

> É da natureza humana tentar dar sentido às coisas que fazem menos sentido, e a morte é a maior delas

A morte da rainha se segue à pandemia. Não deve haver um único indivíduo na fila do velório que não perdeu, ou conhece alguém que perdeu, um amigo, um colega ou um parente para a Covid, e que também teve de renunciar, por causa das restrições, a um funeral adequado, o conforto de coros e rezas.

É da natureza humana tentar dar sentido às coisas que fazem menos sentido, e a morte é a maior delas: a "coisa distinta", como disse Henry James, e a coisa insondável. Quando alguns falam sobre a sua rejeição confusa às massas que depositam flores diante de nossos palácios reais – tudo isso para uma mulher que não conheciam? –, seu tom, aos meus ouvidos, é semelhante ao modo como às vezes se fala daqueles que votaram no Brexit. Acho isso imprudente, mas também acho que eles querem empatia. É natural olhar para uma família enlutada e pensar em suas próprias perdas. É natural preocupar-se com o que uma morte como esta significa Acima de tudo, é natural emocionar-se com a história, a música e a poesia. Com a arquitetura que eleva os olhos aos céus e com as palavras que queimam e acalmam a alma. •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

JOSÉ SÓCRATES

Além do Brasil

▶ O mundo está de olho nos resultados da eleição. Vocês não estão sozinhos

Havia decidido escrever, mais uma vez, sobre *lawfare*. Desta vez tinha o intuito de convencer os brasileiros que me leem de que, ao contrário do que pensam, essa miserável arte de instrumentalizar o sistema judicial para fins políticos não é apenas um fenômeno latino-americano, mas também europeu. Entretanto, um amigo brasileiro mandou-me o *Hino ao Inominável* e o meu estado de espírito mudou. Deixemos de lado o *lawfare* que haverá outras oportunidades de falar nisso. Agora, o que realmente me apetece dizer é que o Brasil pode se queixar de muita coisa, menos dos seus artistas. A generosidade e a coragem com que tantos se entregaram ao seu dever cívico de fazer alguma coisa para mudar a situação política do País deixou-me comovido. Para ser sincero, deixou-me também com inveja, já que, aqui, na Europa, o engajamento político de intelectuais e de artistas consagrados não só deixou de ser costume como passou até a ser mal considerado socialmente. Tenho muitas saudades de quem põe de lado o cálculo e a carreira para se entregar sem hesitação àquilo que considera ser urgente para o seu país – tirar a extrema-direita do poder.

Ali, naquele pequeno filme, está muito do que gosto no Brasil e da simplicidade com que os brasileiros fazem coisas de grande beleza plástica. Mas o que me agradou sobretudo foi ver gente de diferentes sensibilidades políticas e de diferentes quadrantes sociais unirem-se num combate político que sabem ser importante para o seu futuro. Gostaria que soubessem que não estão sós. Gostaria que soubessem que a batalha política do Brasil é seguida um pouco por todo o mundo, porque tem a ver com a liberdade e a democracia. A derrota de Donald Trump não foi apenas uma questão norte-americana, tal como a derrota de Bolsonaro terá um significado político além do Brasil. Para nós, que não somos brasileiros, o que está em causa nesta eleição é o avanço ou o recuo da extrema-direita, da violência política e do autoritarismo radical – em todo o mundo. O que me emocionou no *Hino* foi ver os artistas brasileiros recusarem a solução fácil da indiferença, esse mal social tão próprio daqueles que lavam as mãos perante os problemas dos outros, para combater politicamente o mal que está à sua frente. Como cidadãos, não como espectadores.

Mas deixem-me explicar melhor por que digo que não estão sozinhos. Olhem para a Europa. Esta Europa para onde muitos brasileiros olham com admiração e onde acham que uma desgraça como o atual governo brasileiro nunca aconteceria. Bom, não só já aconteceu como foi o primeiro sítio onde aconteceu no século passado. E está a acontecer de novo. Na Suécia, nas eleições de domingo passado, o partido que se reclama de herança fascista transformou-se no mais votado da direita. Ainda não é o partido mais votado do país (os social-democratas continuam à frente), mas é a legenda mais votada da direita e, como o conjunto dos partidos da direita formam maioria no Parlamento, participará do próximo governo e terá a maior parte dos ministérios (cerca de 40%, segundo a imprensa). Depois, olhem um pouco mais para o Sul, para a Itália. No próximo domingo, haverá eleições e as pesquisas captam o favoritismo do partido "Irmãos de Itália", representante do legado político de Mussolini. O mais provável é que haja uma maioria de direita que constituirá o governo, mas será dirigido por eles, pelos orgulhosos descendentes políticos do fascismo italiano. Parece anedota, mas a verdade é que o partido de Berlusconi é hoje o mais moderado da direita italiana. Parece incrível, mas está a acontecer. Se olharmos mais para o Leste, poderemos ver outros países cujos governos homenageiam abertamente o fascismo: Polônia, Hungria, Eslováquia e Eslovênia. Na Letônia, o partido de extrema-direita também faz parte do governo, como agora acontece na Suécia. Um pouco por toda a Europa a direita política está a fazer alianças com esses partidos, naturalizando as suas propostas, a sua retórica política e os seus comportamentos. Essa virada na cultura política europeia é uma das mais tristes realidades contemporâneas. Ainda mais triste para quem, como eu, sempre considerou o projeto europeu como o projeto político mais generoso dos nossos tempos. Tempos sombrios, estes.

Bem sei que pouco vos anima saber que o mal está espalhado. Mas é justamente a triste realidade que nos faz olhar, a nós europeus, para as eleições brasileiras com expectativa, interesse e confiança. A democracia é o governo do povo e, em última análise, é ao povo que compete a sua defesa. Pela minha parte, há muito tempo que acho que, quando o povo brasileiro falar, vai-se ouvir longe. Não, vocês não estão sozinhos. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

O mal nunca dorme

TheObserver A extrema-direita volta a ganhar fôlego na Europa e merece atenção redobrada dos democratas

A assustadora ascensão da extrema-direita na Europa é um tema familiar para o qual os políticos progressistas e a mídia liberal costumam alertar. Uma onda revolucionária de apoio a partidos nacionalistas, eurocéticos e culturalmente intolerantes foi prevista após o referendo do Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia, de 2016 e a vitória de Donald Trump nas eleições dos Estados Unidos. Ela nunca se concretizou. O sucesso eleitoral dos social-democratas de centro-esquerda da Alemanha no ano passado e os reveses da Alternativa para a Alemanha, de extrema-direita, sugeriram que as forças da reação atravessavam um momento de recuo. Depois veio o segundo turno das eleições presidenciais da França, quando Marine Le Pen, do Rassemblement National, obteve um recorde de 13,3 milhões de votos, mais de 41% do total.

A lição mais ampla a ser extraída de tais flutuações é que os esforços para discernir tendências distintas em toda a Europa podem ser enganosos. O comportamento eleitoral em diferentes países é influenciado por personalidades, eventos, calendário, questões regionais, lealdades partidárias e sistemas eleitorais. No fim, toda política é local. Dito isto, os partidos populistas de extrema-direita são um problema pan-europeu que diz respeito a todos os democratas. Um terreno comum e conjunções ideológicas podem ser encontrados, por exemplo, entre a Suécia, no extremo norte da Europa, e a Itália, no sul do Mediterrâneo. Em ambos, os partidos de direita radical estão em alta.

Foi uma surpresa para muitos em Estocolmo: os Democratas Suecos, partido com raízes neonazistas e uma postura anti-imigrantes feroz, lei e ordem, conquistou o segundo lugar nas eleições nacionais, apoiado por um em cada cinco eleitores. Seu apoio será crucial para a nova coligação de centro-direita que pretende substituir os social-democratas no comando do país. Se o fato de que tal partido, espetado por adversários como camisas marrons neofascistas, vai bancar o rei não é alarmante o suficiente, então considere o seguinte: na terra de nascimento de Greta Thunberg, 22% dos eleitores de primeira viagem, com idades entre 18 e 21 anos, votaram nos Democratas Suecos, partido que compartilha o ceticismo da extrema-direita europeia a respeito da crise climática.

> O problema dos partidos extremistas não está circunscrito a cada país, ele perpassa o continente

Preocupações com o custo de vida e a disparada dos preços de energia, a guerra na Ucrânia, a imigração e o crime com

Expoentes. Os suecos deram ao partido de Akerson (primeiro à esquerda) a segunda maior votação. Orbán destruiu as instituições húngaras. Le Pen liderou o discurso, mas...

armas, questão polêmica na Suécia, em parte explicam o sucesso eleitoral da legenda extremista. E eles não estão confinados aos suecos. Essas questões se traduzem facilmente na Itália, onde partidos de extrema-direita com ideias semelhantes caminham para vencer as eleições do domingo 25. Pesquisas de opinião sugerem que o Fratelli D'Italia, de Giorgia Meloni, movimento populista insurgente cuja linhagem remonta a Mussolini, será o mais votado e terá a primazia de liderar o governo. A agremiação é apoiada por mais duas figuras de direita conhecidas, o ex-primeiro-ministro Silvio Berlusconi e Matteo Salvini, da Liga Norte. Ambos são especialistas na política de divisão.

Como os Democratas Suecos e o Rally Nacional de Le Pen (antiga Frente Nacional), o Fratelli D'Italia lavou cuidadosamente a imagem e suprimiu os impulsos mais selvagens. Meloni moderou sua postura contra a União Europeia e se distanciou da Rússia. Em contraste, Berlusconi é conhecido como um velho amigo de Vladimir Putin. A extrema-direita da Itália compartilha outras características com os irmãos europeus: hostilidade às "elites", tendências autoritárias, desprezo pelo multiculturalismo e direitos de gênero e uma obsessão pela identidade nacional sustentada pelo racismo. Polônia, Holanda, Áustria, Espanha e Sérvia, todos têm suas próprias versões do mesmo contágio.

O dano que a extrema-direita pode causar no poder é dolorosamente evidente na Hungria. Seu primeiro-ministro pró-Moscou, Viktor Orbán, e seu partido Fidesz obstruíram a ação da União Europeia na Ucrânia e minaram as liberdades judicial, acadêmica, minoritária e de mídia. No início de setembro, o Parlamento Europeu declarou que a Hungria não deveria mais ser considerada uma democracia. Em um momento de introspecção nacional e não um pouco de autoflagelação, os britânicos deveriam estar gratos – e orgulhosos – pelo fato de os partidos de extrema-direita nunca terem atingido a dimensão que têm em outros lugares. Poderia acontecer? Se os assuntos britânicos forem mal administrados o suficiente, sim, poderia. •

JOHAN NILSSON/TT NEWS AGENCY/AFP, REDES SOCIAIS, ANDREJ ISAKOVIC/AFP E JONATHAN NACKSTRAND/AFP

Beco sem saída

TheObserver As tropas russas sofrem com o conflito prolongado na Ucrânia e cedem terreno

POR JACK WATLING*

Vistas puramente em termos do tamanho de suas formações e equipamentos, as forças terrestres russas na Ucrânia ainda representam uma séria ameaça em vários eixos. Na prática, é altamente improvável que os militares russos consigam se recuperar de sua trajetória cada vez mais terminal no campo de batalha, embora sua derrota exija tempo e uma luta amarga. Para entender o porquê, é necessário examinar a força por trás de seu equipamento e seu pessoal.

Os Estados Unidos avaliam a capacidade militar por meio da abreviatura DOTMLPF. O fato de oficiais de alto escalão do país tentarem regularmente pronunciá-la como uma sigla pode exemplificar o absurdo militar, mas a abreviação é um pouco redimida por ser bastante abrangente. Significa: doutrina, organização, treinamento, material, liderança e educação, pessoal e instalações. Observar as forças armadas russas nessas categorias revela o desempenho inferior ao seu potencial.

Para começar, os pontos fortes: a doutrina russa – a teoria de como o exército deve lutar – é clara, precisa, bem evidenciada e conceitualmente elegante. Com frequência está muito à frente da teoria militar ocidental. Isso cria um desafio metodológico para as avaliações de inteligência das operações russas, porque, se forem executadas conforme descrito nas ordens militares superiores, a conclusão é de que geralmente teriam êxito. Mas a prática raramente coincide com a teoria.

O material russo é de modo geral excepcionalmente bem projetado e construído adequadamente. Para dar um exemplo específico, o Orlan-10, principal drone pilotado pelas forças russas, é barato e simples de operar. Não é sofisticado, mas como voa alto demais para ser alvo de defesas aéreas de curto alcance e é muito barato para justificar o uso de defesas de longo alcance, foi projetado para ser extremamente difícil de destruir, ao mesmo tempo que oferece a seus operadores uma visão suficiente do campo de batalha para identificar alvos.

A fraqueza do material russo tende a ser que ele é inflexível, projetado para executar bem uma tarefa específica, e que várias gerações de sistemas empregadas simultaneamente dificultam a manutenção. Esse problema foi exacerbado na Ucrânia, à medida que os russos tiram cada vez mais gerações de equipamentos do armazenamento para substituir as perdas.

As falhas de treinamento, liderança e planejamento cobram seu preço

Os militares russos também se beneficiam de suas instalações. Eles têm uma rede ferroviária eficiente e otimizada para movimentar equipamentos de combate. Também têm muitas fábricas para produzir munições, com as empresas envolvidas diretamente sob controle do governo e acesso às matérias-primas mais necessárias. Onde o Ocidente buscou eficiência em detrimento da resiliência, os russos ainda têm capacidade excedente em suas linhas de produção. Isso é muito menos verdadeiro quanto a armas de precisão, uma vez que a Rússia carece de uma indústria microeletrônica avançada e, portanto, precisa importar componentes críticos.

Esses pontos fortes não compensam, porém, as deficiências significativas dos militares russos. Para começar, organização: as forças armadas da Rússia foram projetadas para combater guerras curtas e de alta intensidade. Sem uma mobilização nacional total, são muito pequenas, suas unidades carecem de capacitação logística e seus equipamentos são inadequados para uma guerra prolongada. Quando os militares russos emitiram ordens para suas tropas no outono de 2021, estimaram a necessidade de serem mobilizadas durante nove meses. Agora estão perto desse limite. Os ucranianos, por outro lado, organizam suas forças armadas desde 2014 exatamente para esse tipo de guerra.

Uma das maiores deficiências das forças armadas russas é em liderança e educação. A cultura de liderança é ditatorial e imposta pelo medo. O receio da punição criou um exército no qual os soldados implementam obstinadamente as ordens mesmo quando não fazem mais sentido. As unidades de artilharia russas processam rotineiramente alvos na ordem em que recebem missões de fogo, sem priorização contextual. Mesmo quando uma no-

O exército russo, parece, não estava preparado para um conflito de longa duração

MINISTÉRIO DA DEFESA/RÚSSIA

va inteligência indica que um alvo se moveu, as unidades russas geralmente atacam o local anterior e depois o novo e dão ao alvo tempo para se deslocar mais uma vez. Uma liderança fraca também significa que a Rússia tem sérios problemas com seu pessoal. Há um plano de carreira limitado para soldados a longo prazo. Isso leva a problemas de retenção que fizeram com que as forças militares russas continuassem a depender de recrutamento.

Com uma população em rápido envelhecimento, a Rússia carece de jovens recrutas. O baixo padrão de vida em grande parte do país produz tropas não familiarizadas com muita tecnologia moderna. Além disso, na ausência de qualquer ideologia clara ou liderança forte nas unidades, as tropas estão amplamente desmotivadas, não trabalham efetivamente como equipes e não estão dispostas a arriscar a vida pelos outros. A infantaria russa, portanto, carecia de poder de combate ofensivo. Esses problemas se agravaram à medida que as baixas aumentaram. Mais uma vez, essa é uma área em que a Ucrânia tem claras vantagens.

Talvez uma das maiores fraquezas do sistema militar russo seja o treinamento. Primeiro, ele simplesmente não faz o suficiente. No início da guerra, havia menos de cem pilotos russos totalmente treinados na fronteira com a Ucrânia, apesar de a Rússia ter ao menos 317 aviões de combate implantados no teatro de operações. Em segundo lugar, os soldados russos tendem a receber treinamento estritamente limitado à tarefa que lhes foi designada. Isso torna essas tropas inflexíveis, sem consciência situacional do que é feito ao seu redor e incapazes de cobrir as tarefas uns dos outros. Terceiro, os russos fazem a maior parte de seu treinamento em suas unidades. Como as unidades estão na Ucrânia, há pouca capacidade para treinar novos recrutas antes de serem enviados para a guerra.

Isso dificulta muito os esforços de mobilização e a geração de novas unidades. A Ucrânia tem dificuldade com o treinamento porque, ao contrário da Rússia, suas instalações estão sob o ataque de mísseis – daí a importância do treinamento no Reino Unido –, mas o treinamento oferecido é muito superior.

Apesar de sua superioridade de equipamentos em relação à Ucrânia no início do conflito, a Rússia teve um desempenho significativamente inferior ao seu potencial. Além disso, as áreas institucionais de fraqueza tornam suas forças armadas muito menos adaptáveis. Agora que as tropas russas estão em menor número e desmotivadas, e seu equipamento se deteriora, as perspectivas do Kremlin diminuem rapidamente.

Nota de *CartaCapital*: *Vladimir Putin e seus subordinados elevaram o tom das ameaças. Na quarta-feira 21, o presidente russo anunciou a convocação de 300 mil reservistas para reforçar as linhas na Ucrânia e afirmou que o país está disposto a usar todos os recursos disponíveis para defender sua posição no conflito. No dia seguinte, Dimitri Medved, atual vice-presidente do Conselho de Segurança, deixou explícito o que havia ficado implícito no discurso de Putin, a ameaça atômica. "Qualquer arma, incluindo armas nucleares estratégicas, podem ser usadas para a proteção das regiões ocupadas", afirmou em pronunciamento na tevê. "O* establishment *do Ocidente e todos os cidadãos dos países da Otan precisam entender que a Rússia escolheu seu próprio caminho". Moscou também manteve o referendo relâmpago nas áreas ocupadas do Donbas, jogo de cartas marcadas cujo resultado está previamente determinado: sob a mira dos soldados russos, a maioria dos habitantes das regiões separatistas não terá outra opção a não ser aceitar a anexação à Rússia. Os Estados Unidos e a Europa prometem ampliar as sanções econômicas ao "inimigo". Opositores russos tomaram as ruas de Moscou após o anúncio da convocação dos reservistas, enquanto milhares de compatriotas lotaram os voos internacionais em busca de refúgio no exterior.* •

**É pesquisador sênior de guerra terrestre no Royal United Services Institute.*

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Soberba pretensiosa

CINEMA Como se deu que os célebres *Cahiers* com suas lições chovessem implacavelmente no molhado

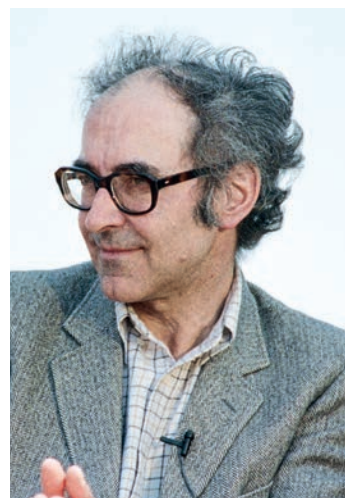
POR MINO CARTA

A morte de Jean-Luc Godard motiva a evocação da *Nouvelle Vague*, cujas linhas mestras eram definidas pelos *Cahiers du Cinéma*, a pregar a simplicidade da filmagem e a referência à vida cotidiana. Tratava-se, no meu modesto entendimento, de algo já praticado por vários grandes diretores. Que dizer, por exemplo, de *Tempos Modernos*, de Chaplin? E de *Ladrões de Bicicleta*, de Vittorio De Sica? De *The African Queen*, de John Huston? E de *As Vinhas da Ira*, de John Ford? De verdade, as citações podem alongar-se páginas e páginas.

Mais consistente e importante para o cinema (cinema e ponto) é Jean Renoir, filho do pintor de quem várias telas são conservadas no Museu de Arte de São Paulo. Contou ele com atores extraordinários, como Jean Gabin e Pierre Fresnay. A filmografia de Renoir é imensa e ela por inteiro não discrepa das pretensiosas, jactanciosas lições, óbvias até, dos *Cadernos* franceses. Na linguagem dos provérbios resistentes, chovem no molhado, embora com a pompa de quem sabe tudo.

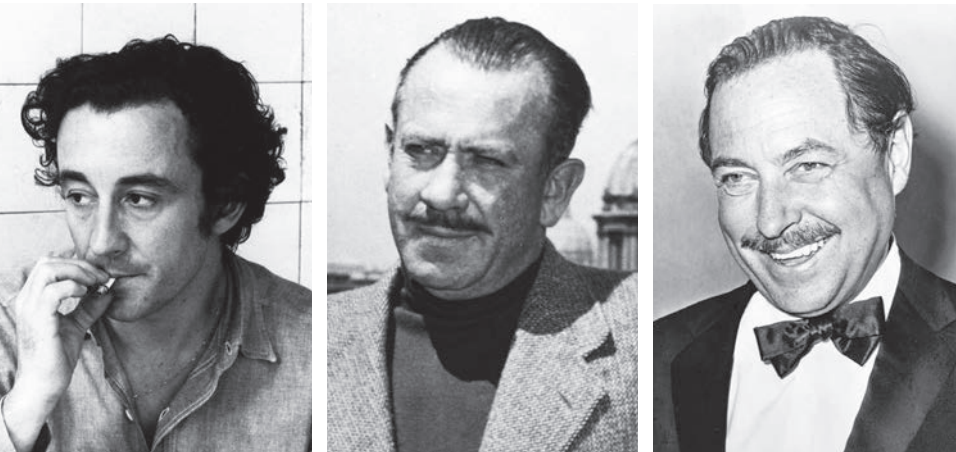
Se a *Nouvelle Vague* é aquela recomendada com fervor, podemos admitir que contou com inúmeros seguidores bem antes de ser anunciada. Tudo indica que eles próprios não percebiam a novidade. Hoje, dos diretores catalogados pelos *Cahiers* lembro com prazer de Louis Malle, autor do comovente *Lacombe Lucien* e o substancioso *Atlantic City*, na interpretação de Burt Lancaster.

François Truffaut é outro diretor de igual importância, com inovações significativas em matéria de filmagem, a marcar profundamente a sua estreia com *Les Quatre Cents Coups* e a carreira brilhante que seguiu. Atores de qualidade nasceram à sombra da *Nouvelle Vague*, o primeiro entre eles Jean-Paul Belmondo, de versatilidade e simpatia devastadoras.

Cabe também a citação de Alain Delon,

Confronto entre Jean Renoir, monstro sagrado por longo tempo, e o jovem Jean-Luc Godard

ARQUIVO PÚBLICO DE NY, ARCHIVES DU 7EMEART/AFP, DERRICK CEYRAC/AFP, ARCHIVES DU 7EMEART/AFP, ETIENNE GEORGE/CHRISTOPHEL COLLECTION/AFP E ARQUIVO/AFP

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 56
Barulhinhos. O *lo-fi*, estilo relaxante de música, vira mania pós-pandêmica

Louis Malle, John Steinbeck e Tennessee Williams, autor do *script* de *A Rosa Tatuada*, interpretado por Anna Magnani e Burt Lancaster

conquanto tenha ele trabalhado mais na Itália com Luchino Visconti, em *Rocco i Suoi Fratelli* e *Il Gattopardo*, este uma versão cinematográfica do monumental romance de Tomasi di Lampedusa, em que contracena com Claudia Cardinale. Excelente também a sua interpretação em *Monsieur Klein*, dirigido por Joseph Losey.

Nascido na Itália, mas levado pelo pai antifascista para a França bem antes da Segunda Guerra Mundial, Yves Montand, na origem Ivo Livi, tornou-se mais francês do que os franceses, como ator e cantor, mas sem proximidade alguma com a *Nouvelle Vague*. Jeanne Moreau foi a estrela resplandecente da nova onda, sem contar Brigitte Bardot, que entra de raspão neste enredo, notabilizada por outras virtudes que não as da interpretação.

Certo é dizer que os *Cahiers du Cinéma* não ensinaram coisa alguma a muitos diretores, entre eles Roberto Rossellini, por exemplo, com seu *Roma, Cidade Aberta*, rodado com a máquina de tomadas em equilíbrio instável sobre o ombro direito. Além de tudo, ele foi capaz de projetar uma atriz extraordinária como Anna Magnani.

Em vez dos *Cadernos*, filmes muito significativos na história do cinema foram inspirados em textos de grandes autores. Por exemplo, *As Vinhas da Ira*, de John Ford, da obra de John Steinbeck, ou *Sindicato de Ladrões*, direção de Elia Kazan, com Marlon Brando, que iniciou a carreira como ator de teatro interpretando a personagem Stanley Kowalski, na peça *A Streetcar Named Desire*, de Tennessee Williams. Assim como o mesmo Williams foi autor dos *scripts* de *Gata em Teto de Zinco Quente*, com Paul Newman e Elizabeth Taylor, e de *A Rosa Tatuada*, com Anna Magnani e Burt Lancaster.

Outro exemplo é Eugene O'Neall com os *scripts* baseados em duas obras-primas, *Desire Under The Elmes*, com Sophia Loren, Anthony Perkins e Burl Ives, e *Longa Jornada Noite Adentro*, direção de Sidney Lumet, com Katharine Hepburn e Ralph Richardson.

Permito-me admitir a possibilidade de que esses ilustres escritores tenham sido mais significativos ao influenciar toda uma produção cinematográfica de enorme peso. Arrisco-me, aliás, a admitir a possibilidade de serem eles mais competentes do que os redatores dos *Cahiers*. Tornavam-se autores dos *scripts* extraídos das suas próprias obras, com absoluto sucesso, creio eu. Creio também que os amáveis leitores me perdoem por tamanha ousadia. •

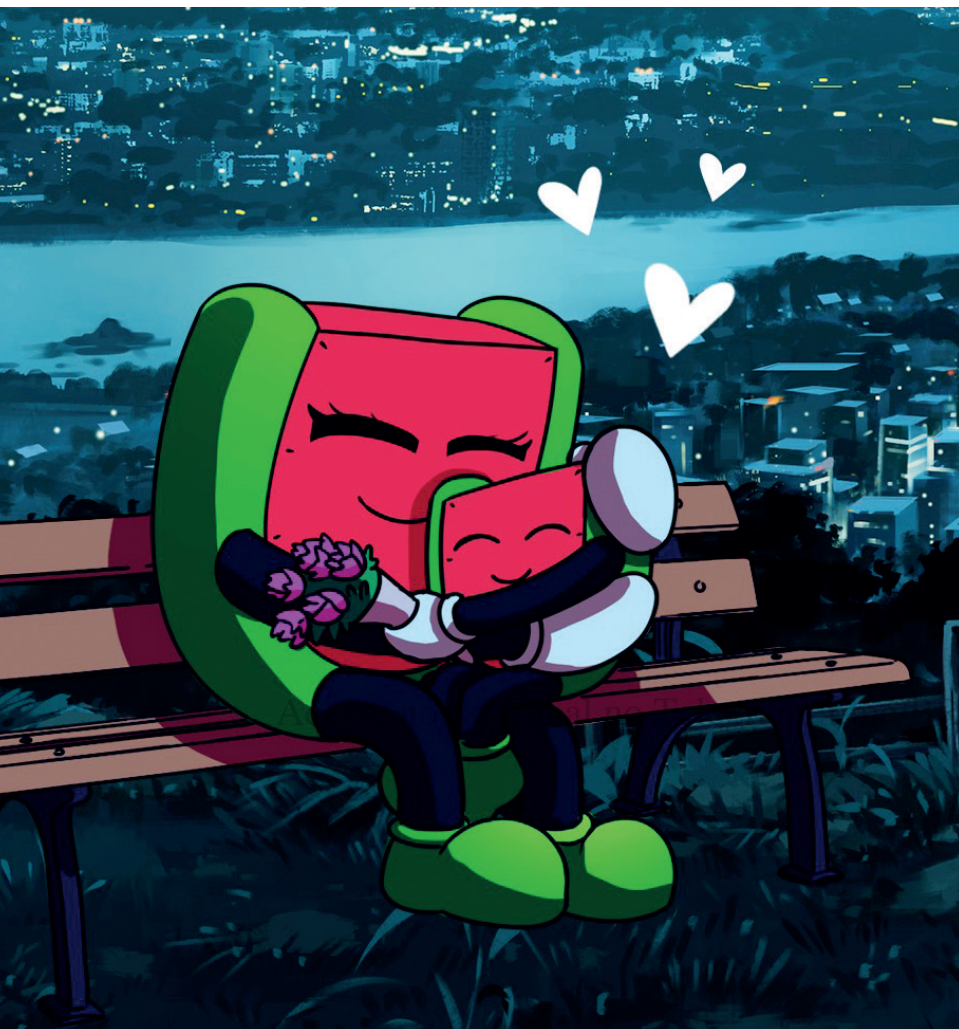
A onda do som relaxante

MÚSICA Popularizado na pandemia, o *lo-fi*, gênero conhecido pela produção caseira e pelo anonimato dos artistas, começa a encontrar um lugar no *mainstream*

POR SÉRGIO MARTINS

Em um estúdio localizado no Morumbi, Zona Sul de São Paulo, um grupo formado por músicos, produtores e curiosos acompanha a performance de Linearwave, nome artístico do paulistano Yuri Bastos. Em pouco mais de meia hora, ele dispara do *laptop* canções com influências do *jazz* americano e da bossa nova e acrescenta a elas batidas ao vivo, com efeito relaxante.

Linearwave tem 1,4 milhão de ouvintes mensais nas plataformas e sua demonstração integrará uma compilação de *singles*, a ser lançada no YouTube este mês. A iniciativa da maior plataforma de vídeos do mundo mostra o quanto o

Baixa fidelidade. Os canais Lofi Girl e Fruits Music, sucessos no YouTube, capricham na estética das animações que acompanham de sons de chuva a arranjos do *pop*

lo-fi, gênero que cresceu durante a pandemia, parece estar encontrando um lugar ao sol no *mainstream*.

O termo *lo-fi* deriva da expressão *low fidelity*, de baixa fidelidade, criada em oposição ao velho e bom *hi-fi*. Trata-se de uma vertente musical conhecida pela produção franciscana, o estilo caseiro e pelo anonimato dos artistas, que são invariavelmente desconhecidos do grande público. Ou eram.

"A gente participou de alguns eventos no ano passado e quer investir mais em performances ao vivo", diz o carioca Daniel Sander, expoente do estilo, que adotou o nome artístico de *colours in the dark*.

A estreia-solo do ex-Beatle Paul McCartney, em 1970, e a dobradinha formada pelos álbuns *Smiley Smile* e *Wild Honey*, lançados pelo grupo americano Beach Boys, em 1967, são alguns exemplos de produção *lo-fi*. Mas foi a partir de meados da década de 1980 que a nomenclatura se tornou mais conhecida, graças ao empenho do DJ e produtor estadunidense William Berger, que dedicava um espaço generoso às produções amadoras em seu programa de rádio.

O gênero, apesar disso, seguiu seu destino meio silencioso nos anos seguintes, até que, cerca de dez anos atrás, voltou a despertar maior interesse. À altura, o *rapper* e produtor americano J. Dilla e o produtor japonês Nujabes desenvolveram o *lo-fi hip-hop*, que "desacelera" as batidas frenéticas das produções de *rap*, tornando sua execução mais palatável e suave. É essa escola que, desde então, a maioria dos artistas e produtores brasileiros segue.

Mas o *lo-fi*, cada vez mais, tende a ser acompanhado também por imagens. Um bom exemplo do formato é o canal Lofi Girl, lançado em 2015, no YouTube. Ele traz uma bem cuidada animação que mostra uma garota, em diferentes situações, escutando música com fones de ouvido – a inspiração estética vem dos filmes *A Viagem de Chihiro* e *O Meu Vizinho Totoro*, de Hayao Miyazaki. O som que acompanha os vídeos é criado por diferentes produtores de *lo-fi*.

O canal tem, hoje, 11,5 milhões de inscritos. Em fevereiro de 2020, ele foi tirado do ar, de modo acidental, e 13 mil horas de transmissão, com 218 milhões de *views*, se perderam. Mas, como diz o ditado popular, há males que vêm para o bem. "A retirada da Lofi Girl do ar foi o maior impulsionador de audiência que podiam ter", explica Bastos. "O episódio gerou notícias no mundo todo e, quando o canal voltou, eles foram para um novo patamar de audiência."

O *lo-fi* é consumido, sobretudo, por ouvintes que buscam um som relaxante e sem vocais, para ser degustado enquanto trabalham ou executam tarefas domésticas. E aí há sons para todos os gostos: o canal Fruits Music, por exemplo, possui *playlists* com sons de chuva, temas para dormir ou sucessos *pop* rearranjados. Um deles é *Running Up That Hill*, de Kate Bush, renascido por conta

LOFI FRUITS E LOFI GIRL

do seriado *Stranger Things*, da Netflix.

Entre os criadores de canções *lo-fi*, há, porém, quem torça o nariz para a simples reprodução de sons da natureza, adotada pelo Fruits Music, canal desenvolvido pelo DJ holandês Steve Void. O que há, afinal de contas, de inovador e musical numa reunião de sons de chuva ou barulhos da natureza?

Outra "pegadinha" do popular Fruits Music é que, como o Spotify contabiliza o *stream* a partir de 30 segundos de audição, o selo dividiu as canções em áudios de 30 segundos para aumentar seus ganhos com direitos autorais. Cada som de chuva, cada ruído dura o suficiente para ser contabilizado pela plataforma de *streaming* como uma canção – e, assim, render direitos autorais.

A popularidade do gênero começou a crescer com a pandemia. O guitarrista e produtor Pe Lu, ex-integrante do grupo de rock juvenil Restart e do duo de música eletrônica Selva, foi um dos que buscaram o *lo-fi* para tentar se acalmar.

"Comecei por *hobby* e acabei conhecendo uma cena em ebulição", diz ele, que criou o selo Lofi Land. Pe Lu lançou, dois meses atrás, a coletânea *Brasil Goes Lo-Fi*, composta basicamente de releituras – entre as quais, as de canções como *Água de Beber*, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, a *Mulheres*, de Martinho da Vila.

O estilo é consumido por quem busca um som sem vocais e tranquilo, para ser ouvido durante o trabalho ou antes de dormir

Se Pe Lu veio do *rock*, Gabriel Moraes, o Epifania, veio do *hip-hop*, enquanto Yuri Bastos tem origem na música clássica. "Comecei no *rap* em 2015, mas queria instrumentais originais para colocar meus versos. Conheci então o *lo-fi hip-hop* através do Nujabes e me apaixonei pela sonoridade", diz Epifania.

Já Bastos tenta aproximar o *lo-fi* da música barroca, se não pela melodia, pela natureza do trabalho. "A exemplo de compositores barrocos, trabalhamos por encomenda e nossa música serve como acompanhamento", diz. "Já as produções com ruídos nos aproximam da música contemporânea, de um John Cage."

A variedade do *lo-fi* é tamanha que até para causas sociais o gênero tem servido. O projeto Space Animals, formado pelos roqueiros Henrique Roncoletta e Julio Pires, pretende reverter a renda arrecadada nas plataformas de *streaming* para ONGs de proteção aos animais.

O *lo-fi* brasileiro tem também alguns selos. Um deles é o Tangerina Music, de propriedade de Fabio Bittencourt, que tem 253 *playlists*, de música para hotéis e relaxamento até coletâneas com artistas de destaque. "Fomos o primeiro selo a ter um trabalho focado em produtores brasileiros", diz Bittencourt. "São mais de 500 faixas lançadas desde 2019."

Outros selos de destaque são o Calmas Records, focado no *hip-hop*, o Cold Soda e o Sleep Tales. Este último – conforme o nome indica, dedicado a canções para dormir – está entre os três principais do gênero no mundo e conta com cerca de 50 milhões de *streams* mensais. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Tangerina, o público de *lo-fi* é de maioria masculina (55%) e de jovens entre 23 e 34 anos (57%).

Boa parte dos artistas consegue viver da renda dos *streams* e vários deles não ligam nem um pouco para o fato de serem anônimos. "A gente consegue ter a quantidade de *streamings* próxima de artistas do *mainstream*, mas sem precisar virar uma celebridade", diz Bastos. "Para alguém que, como eu, experimentou o sucesso popular, é interessante fazer algo nos bastidores", repete Pe Lu.

Mas a história do *show biz* professa que, pouco a pouco, uma história de sucesso acaba sempre por levar a certa idolatria. A performance de *colours in the dark*, Linearwave e outros músicos do *lo-fi* no festival de *rock* Polifonia, em 2021, mostrou que o anonimato começa a deixar de ser uma marca do estilo. •

Ao vivo. *colours in the dark*, nome artístico de Daniel Sander (*abaixo*) tem participado de vários eventos

MÔNICA RAMALHO E COLOURS IN THE DARK

DESIRÉE DO VALLE/STAR PRODUCTIONS

O papel do empresário anti-herói coube a Nelson de Freitas

“Mas eu te fiz um milionário!”

CRÍTICA *TUDO OU NADA* RECONSTITUI A TRAJETÓRIA ROCAMBOLESCA E A DERROCADA DE EIKE BATISTA

A história de Eike Batista, empresário que, em 2012, foi apontado como o sétimo homem mais rico do mundo e cinco anos depois estava preso, poderia ser definida, em uma roda banal de conversa, como um daqueles enredos que dariam um filme. Mas o desafio, em casos assim, é justamente transformar episódios fartamente conhecidos e acontecimentos excessivamente rocambolescos em uma boa trama cinematográfica. Os produtores e realizadores de *Eike – Tudo ou Nada,* em cartaz nos cinemas brasileiros desde a quinta-feira 22, encararam o desafio.

O filme se baseia no livro *Tudo ou Nada – Eike Batista e a Verdadeira História do Grupo X* (Companhia das Letras, 536 págs., 109,90 reais), de Malu Gaspar. A partir dos fatos descritos pela jornalista, a dupla Andradina Azevedo e Dida Andrade, que assina roteiro e direção, teceu um fio dramático que recupera a infância do personagem vivido por Nelson de Freitas – em uma ótima interpretação.

O recurso, consagrado desde o *rosebud* de *Cidadão Kane,* não tem nada de original, mas é eficaz do ponto de vista narrativo e verossímil do ponto de vista psicanalítico. A presença do menino Eike, carente e talhado para vencer, humaniza o adulto voraz e permite a identificação do espectador com esse anti-herói que encontrou, na tessitura corrompida do Brasil, terreno fértil para suas ações.

A trama começa em 2006, o ano do Pré-sal, quando Eike, um empresário já então bem-sucedido, cria a petroleira OGX. A narração da empreitada é feita, em *off,* por Benigno (Thelmo Fernandes), seu amigo e conselheiro. Essa opção faz com que Eike, embora seja o protagonista, saiba menos o que está acontecendo do que nós, espectadores.

Sua derrocada é anunciada logo no início do filme, o que faz com que uma sensação de espanto e desconcerto nos acompanhe a cada novo movimento do empresário ou a cada novo lote de ações comprado na Bolsa de Valores pelo homem de classe média que sonha enriquecer com a OGX.

A velocidade com que se deram o sucesso e o fracasso de Eike é traduzida, na tela, por um entra e sai de salas, de reuniões e de entrevistas – que reproduz o clima típico de algumas produções da Netflix, como *Os Sete de Chicago* e *Não Olhe para Cima* – e pela intervenção de letras e cifrões na tela.

O dinheiro, que fez a fama e a desgraça de Eike, é outro personagem central de *Tudo ou Nada*. Quando o barco começa a afundar e alguns executivos se afastam da OGX, Eike repete: “Mas eu te fiz um milionário!” Seu aspecto caricatural, parece querer nos dizer o filme, é um espelho da nossa sociedade. •

– Por Ana Paula Sousa

Na universidade, o mito de Oxum

PROTAGONISTA A escritora Conceição Evaristo torna-se catedrática do Instituto de Estudos Avançados da USP

POR ANA PAULA SOUSA

nossos poemas conjuram e gritam (...)
(...) o que os livros escondem/
as palavras libertam
(*Poemas da Recordação*, Editora Malê, 2017)

Criada em 2015, a Cátedra Olavo Setubal de Arte, Cultura e Ciência, fruto de uma parceria entre o Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP) e o Itaú Cultural, teve como primeiro titular Sérgio Paulo Rouanet (1934-2022), diplomata e filósofo de raiz iluminista, profundo conhecedor de Kant.

Não quer dizer pouco, dentro do percurso da USP, a chegada da escritora e poeta Conceição Evaristo a essa mesma cátedra. "A primeira coisa que apresento, quando chego aqui, é esse corpo negro, de 75 anos, com os cabelos brancos, com a minha identidade", diz ela, com uma ponta de orgulho pessoal, mas, sobretudo, com uma sensação de vitória coletiva, nesta entrevista concedida na sala de reuniões do instituto.

"Não é só uma vitória minha ou da minha carreira. O importante, ao chegar a um lugar como este, é você afirmar que este espaço é seu e dos outros. Ocupo este lugar depois de ter sido repudiada, por exemplo, pela ABL", relembra, referindo-se ao fato de que, em 2018, perdeu para o cineasta Cacá Diegues a vaga na Cadeira de nº 7 da Academia Brasileira de Letras.

Conceição é mestre em literatura brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio, doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense e autora de sete livros – entre eles, *Olhos d'Água* (Pallas, 2014), vencedor do Prêmio Jabuti, e *Becos da Memória* (Pallas, 2017). Na terça-feira 27, ela abrirá sua gestão à frente da Cátedra com um encontro intitulado *Escrevivência: Sujeitos, Lugares e Modos de Enunciação – Corpus Literário em Diferença*.

Esse conjunto de palavras abriga não apenas sua trajetória, mas seu próprio modo de ser e viver. E é por isso que, ao explicar seu projeto para o IEA, ela fala, primeiro, da emoção que sentiu durante o processo seletivo para a escolha dos três mestrandos que trabalharão com ela na USP.

> "A primeira coisa que apresento, quando chego aqui, é este corpo negro, de 75 anos", afirma

"Se inscreveram muitas mulheres, e muitas mulheres negras. E cada uma dessas moças que conversava comigo parecia ter, sobretudo, uma sensação de acolhimento", pontua, sabedora do que significa a sensação de não pertencimento no espaço universitário. "Minha presença vai ser importante para criar um solo onde outras vão pisar."

Nascida em uma favela de Belo Horizonte, em uma família de nove irmãos, Conceição concluiu o Ensino Médio aos 25 anos, trabalhando como empregada doméstica, e entrou na faculdade aos 41, quando já era professora da rede pública de ensino, no Rio.

As coisas que sentiu, ouviu e viu ao entrar no curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro são, justamente, aquelas que espera, um dia, serem superadas. "Você tem de escolher entre trabalhar e estudar", lembra-se de ter ouvido de uma professora. "Gostei muito de você. Você é muito educada", disse-lhe outro.

O dado mais recente divulgado pelo IBGE aponta que, em 2018, o número de negros nas universidades públicas brasileiras havia, pela primeira vez, ultrapassado o de brancos, alcançando 50,3% do total. Mas, completados dez anos da Lei de Cotas (2012), marco das ações afirmativas aplicadas à educação, sabe-se que, vencida a barreira da entrada, muitos cotistas seguem sem conseguir vencer a barreira da permanência.

"Um negro, ao entrar na universidade, precisa, o tempo todo, reformular seu emocional. O racismo nos ataca to-

Percurso. Autora de sete livros, ganhadora do Prêmio Jabuti e doutora em Literatura Comparada pela UFF, ela criou o conceito de "escrevivência", definido como "a escrita de si"

ALINE MACEDO

dos os dias", afirma, dizendo que basta ela sair do IEA ou de qualquer outro ambiente ligado ao mundo cultural e intelectual ao qual pertence para senti-lo. "Me lembro que, na abertura da Ocupação em minha homenagem, no Itaú Cultural, eu era a rainha da festa. Quando atravessei a Avenida Paulista e entrei no shopping, os seguranças me seguiram."

A chegada de Conceição à Cátedra sucede, no IEA, a presença, nesse mesmo espaço, da ativista Eliana Sousa Silva, diretora fundadora da Redes da Maré, no Rio. Eliana assumiu a Cátedra em 2018 e começou ali a problematizar a ausência da periferia na USP e reivindicando a centralidade de saberes que não aqueles estabelecidos pelo cânone europeu.

Conceição dá materialidade a essa reivindicação. Além de autora premiada, Conceição é uma pesquisadora que faz questão de dizer que sua subjetividade lhe permite ler Graciliano Ramos ou Clarice Lispector de forma diversa daquela dos brancos. "Eu trago para cá um dialogismo com essa episteme marcadamente branca e masculina", diz, colocando a conversa no campo teórico.

E quem ouvi-la falar da construção do personagem Casimiro, de *São Bernardo*, entenderá o que é essa episteme branca que, por décadas, foi a única das universidades brasileiras. Conceição propõe, além de novas interpretações possíveis para autores brancos, diferentes leituras de autores negros consagrados, como Machado de Assis, Cruz e Sousa e Lima Barreto.

O ato da escrita como forma de resistir e existir também deve permear sua presença nesse espaço por tanto tempo fechado para pessoas com a mesma origem que a sua. A USP, inclusive, só aderiu à Lei da Cota em 2018, e de forma escalonada.

O conceito de escrevivência, explica ela, é a escrita de si. E difere da autoficção, tão em voga na década passada. "Nesse caso, o texto, muitas vezes, se esgota na vivência do próprio autor. É uma escrita, quase sempre, narcísica. A nossa, não. O mito de Narciso não cabe em nossa face, porque nossa beleza não é refletida no espelho do narcisismo", diz. "Nossos mitos são outros. Oxum, quando se contempla no espelho, vê atrás dele o inimigo." •

As tramas da pauta feminista

CINEMA As 11 estreias da semana incluem cinco títulos dirigidos ou codirigidos por mulheres, que vão do entretenimento engajado à narrativa experimental

POR CÁSSIO STARLING CARLOS

É tamanho o volume de filmes lançados nos cinemas todas as semanas que o público mal consegue saber quais são as estreias. Embora a atenção acabe por se voltar ao título que faz mais barulho, a maioria silenciosa revela um fenômeno que merece ser ressaltado.

A lista de 11 títulos com estreia prevista para a quinta-feira 22 reúne, por exemplo, cinco dirigidos ou codirigidos por cineastas mulheres. Mais relevante que este número solto é a diversidade das origens, dos projetos e das estéticas.

Numa ponta, a máquina hollywoodiana de fazer dinheiro apropria-se da agenda de grupos feministas para produzir entretenimento engajado, com *A Mulher Rei*. O *blockbuster*, dirigido por Gina Prince-Bythewood, sobrepõe empoderamento feminino e resgate de ancestralidades ao reconstituir, em modo épico, os combates de um grupo de guerreiras africanas no reino de Daomé, nos séculos XVIII e XIX.

Menos ambicioso, *Não se Preocupe, Querida*, segundo longa-metragem dirigido pela atriz Olivia Wilde, revisita, com olhar irônico, a década de 1950 para estilhaçar a imagem de bibelô das personagens femininas, cristalizada pelo próprio cinema de então.

Ambos os produtos exemplificam o investimento da indústria na apropriação das demandas por representatividade e revelam como essa pauta foi incorporada ao sistema que busca lucros.

Na outra ponta do pacote de lançamentos, três filmes de diretoras com ambições muito distintas expandem o conceito, muitas vezes estreito, de representatividade para abordar faces das relações pessoais e sociais que não são exclusivamente femininas, mas às quais o feminismo deu visibilidade.

O Livro dos Prazeres, produção brasileira dirigida por Marcela Lordy, vence o desafio de transpor a literatura saturada de imagens de Clarice Lispector para o audiovisual, meio em que o excesso tende a mascarar o vazio. Em vez de desperdiçar energias tentando criar equivalências, Marcela e a corroteirista Josefina Trotta especificam a questão do filme em torno dos desejos de uma mulher madura e de sua insatisfação em um mundo masculino de satisfações imediatas.

> As demandas por representatividade se refletem em novos olhares sobre as relações cotidianas

Muito mais áspera é a proposta de *Desterro*, primeiro longa-metragem de ficção de Maria Clara Escobar. O filme aventura-se no território das narrativas experimentais, formato que costuma afugentar o público em busca de entretenimento confortável.

A crise, um estado perpétuo no mundo contemporâneo, e o isolamento são os temas mais reconhecíveis desse filme difícil de reduzir a tópicos. Na primeira parte de uma narrativa não linear, vemos um casal que tem um filho pequeno. A convencional representação de um relacionamento em crise, feita de discussões, é substituída por cenas banais do cotidiano.

No café da manhã, a interação dos dois personagens é oblíqua. Seus gestos, falas e olhares são indiretos, como se cada um estivesse mais imerso em si do que em conexão com o outro.

A repetição típica do cotidiano é o recurso ao qual Maria Clara recorre para expressar vazio e isolamento. Alcança, com essa escolha, um efeito mais enfático e empático do que aquele, em geral, provocado por meio de diálogos.

As atuações despersonalizadas e distantes do tom naturalista redobram o sentimento de estranhamento. Fora do universo doméstico, as composições e os ângulos que a diretora escolhe reafirmam a sua busca por situações de descentramento e de deslocamento.

O sentimento de querer estar em outro lugar, a reação entediada às mesmas conversas e a sensação de um mundo diluído em banalidades são traduzidos, assim, em percepções. As coisas não precisam ser ditas.

IMOVISION E MARIA CLARA ESCOBAR

Solidões. *O Perdão* (*acima*), do Irã, mostra a pressão social e material sobre uma viúva. O brasileiro *Desterro* (*abaixo*) explora a repetição do dia-a-dia para expressar o vazio

Dividido em três partes, *Desterro*, depois de investigar a solidão masculina, reaproxima-se de um conjunto de figuras femininas em uma longa viagem de ônibus para ouvir suas histórias e mostrar como, sob a camada uniforme da identidade, pululam inquietações, tragédias e vidas incomuns.

O resultado é desigual, muitas vezes exasperante, mas oferece a oportunidade de ver um filme que salta no abismo sem a pretensão de agradar.

O Perdão, da dupla iraniana Maryam Moghadan e Behtash Sanaeeha, adota outra forma narrativa, mais próxima da tradição, mas não menos incômoda.

Maryam faz o papel de Mina, mulher cujo marido foi condenado à morte por um assassinato. Resumir a trama implica revelar a sucessão de surpresas das quais o roteiro implacável lança mão para mostrar como um estado teocrático acua os indivíduos – deixando, em mais de um momento, o espectador com um nó na garganta.

Não é nova a vertente dos filmes que revelam os apertos por que passam as mulheres iranianas. *O Perdão* mira, num primeiro momento, as pressões materiais e sociais sobre uma viúva que tenta sobreviver com dignidade após a execução do marido.

O cotidiano como operária numa fábrica, a vida solitária na companhia da filha deficiente auditiva, o assédio do cunhado, o código moral que bane o menor desvio são aspectos indissociáveis desse retrato quase documental da condição feminina. A entrada em cena de um enigmático personagem masculino, no entanto, amplifica a ambição do filme.

Enquanto o poder e a lei nunca se mostram, por serem instâncias inacessíveis para a protagonista, o humano revela-se como essencialmente falho e culpado, apartado por um Deus punitivo e miseravelmente só. •

Posicionamento em campo

▶ O caso Vinícius Júnior, na Espanha, mostra que os jogadores devem, cada vez mais, se posicionar sobre questões sociais – do racismo a temas complexos, como o suicídio

Passados os extensos funerais da rainha da Inglaterra, restaram as imagens de uma quantidade impressionante de reis e rainhas que desfilaram no Reino Unido. Tal retrato nos deu uma ideia chocante a respeito do tanto que resta de monarquia no mundo. O lado bom de tal desfile é que, talvez, ele contribua para o aumento da consciência quanto ao significado destas eleições para os súditos aqui do Brasil. Estamos em uma "bola dividida" entre o crescimento e o retrocesso.

A continuidade daqueles que, neste momento, estão no poder só interessa aos que não escondem ser, mais que conservadores ou direitistas, reacionários absolutistas. Para a grande maioria da sociedade brasileira, é inadiável a necessidade de se fazer representar.

Isso tudo nos alcança em uma hora em que temos um brasileiro autêntico, com raro talento político, que faz sua candidatura interessar a todos os outros setores da população – salvo os reacionários. Lula é um negociador por excelência e, por isso mesmo, não prega a ruptura radical que, no fundo, é o que temem seus (nossos) adversários.

Não temos o direito de desperdiçar esta oportunidade única. Vencendo as eleições, a tarefa será gigantesca. Passamos, afinal de contas, por um período de descalabro agressivo. A necessidade será, mais uma vez, promover a conscientização da população para sair do círculo vicioso de um golpe que nos acomete, em média, a cada 50 anos.

Entendo que o panorama geral de crise política representa uma oportunidade especial para o Brasil se libertar de fato e assumir um papel de equilíbrio dos polos em conflito fundamental para a própria sobrevivência humana. Que seja a Primavera Brasileira.

Saltando para o nosso mando de campo, apesar da paralisação pela chamada data Fifa, a semana foi pródiga em acontecimentos, a começar pelo "caso" Vinícius Júnior, que sofreu insultos racistas por parte da torcida do Atlético de Madrid.

Quando começam a criticar suas danças, o jogador, em um vídeo, associou suas celebrações pós-gol à sua própria origem cultural. "(*Essas danças*) são dos *funkeiros* e sambistas brasileiros, dos cantores latinos de *reggaeton* e dos pretos americanos. São danças para celebrar a diversidade cultural do mundo", afirmou.

A partir disso, o jornalista Thales Machado deu uma aula completa, no jornal *O Globo*, sobre o significado das comemorações dos gols. "As comemorações pós-gol não só são alvos de polêmica, mas também viraram marcas pessoais e comerciais de jogadores, culturais de alguns povos e fundamentais do mundo da bola", escreveu ele.

Machado cita então os pulos do rei Pelé socando o ar, do camaronês Roger Mila tirando a bandeira de escanteio para dançar, os escorregões ingleses pelo gramado, o gesto teatral de CR7, além de tantos outros, e até mesmo o silêncio introspectivo do excepcional Quarentinha voltando para o centro do campo sem nenhuma vibração e dizendo que fazer gol não passava de uma obrigação do artilheiro.

A conquista de um gol é o momento mais significativo do encontro entre o jogador e o torcedor, e é natural que desperte a chama e a explosão libertadora. Mas é importante que se reflita sobre as implicações de cada gesto.

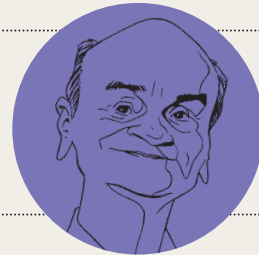
A necessidade de tomada de consciência e de posicionamento da parte dos jogadores também foi abordada pelo experiente Danilo, em um depoimento dado ao *site* do *Globo Esporte*, numa seção dedicada aos jogadores que participarão da Copa do Mundo. Danilo tem uma longa carreira na Europa e hoje defende a Juventus italiana.

Ele explica, no depoimento, que o período de recolhimento forçado, motivado pela pandemia, lhe trouxe reflexões sobre a necessidade de os jogadores assumirem responsabilidades sobre temas sociais – alguns deles complexos, como os suicídios.

Em seu relato, Danilo abordou também as mudanças especificas dentro do campo. "Acabou aquilo de o lateral ter de cruzar dez bolas, subir ao ataque e voltar, assim como aquilo de o primeiro meio-campista ser aquele que só marca, que apenas defende", decretou ele, com a autoridade de um grande jogador. "Acabou aquilo de que é o camisa 9 que tem de fazer os gols. Não tem mais espaço para isso no futebol."

É chegada a hora dos polivalentes, anunciada lá atrás por João Saldanha. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

Cirurgião das cavernas

▶ Uma descoberta feita na Indonésia revela que, no Pleistoceno tardio, foi realizada uma cirurgia de amputação, prática tornada rotina apenas 30 mil anos mais tarde

Durante a Primeira Guerra Mundial, os soldados diziam que amputar uma perna era morrer duas vezes: a primeira durante a operação, a segunda de febre. De fato, infecções bacterianas do coto do membro amputado eram tão frequentes que a cirurgia só era indicada em casos de gangrena, sangramento incontrolável e outras situações extremas.

A descoberta da caverna Liang Tebo, em Bornéu, na Indonésia, acaba de revelar que esse tipo de cirurgia já era realizado há muito mais tempo do que imaginávamos. Liang Tebo é uma caverna com 160 metros cúbicos, formada por três salões com pinturas pré-históricas nas paredes da câmara superior, que datam de 41 mil anos atrás, no Pleistoceno tardio.

Em 2020, escavações no assoalho dessa caverna encontraram um cemitério a 1,5 metro de profundidade. Entre as ossadas, chamou atenção a de um adulto deitado de costas, com as pernas flexionadas, na qual faltava o pé esquerdo. O esqueleto foi batizado de TB1.

Acompanhada com *scanning* a laser, a remoção cuidadosa dos ossos mostrou que 75% deles estavam preservados, bem como todos os dentes. Os estudos das cartilagens de crescimento nas extremidades ósseas (epífises), da sínfise púbica e da formação dos dentes permitiram concluir que se tratava de um espécimen de *Homo sapiens*, com 19 a 20 anos de idade. A análise do formato do crânio e da pélvis não permitiu identificar o gênero, embora essas características estivessem mais próximas do sexo masculino.

A espectrografia de massa combinada com a ressonância magnética por *spin* estimou a idade da ossatura como sendo de uma pessoa que teria vivido entre 31.519 e 30.704 anos (com 95% de probabilidade). É o túmulo mais antigo de um homem moderno, numa ilha do Sudeste Asiático.

Mas, o que mais chamou a atenção dos paleontólogos foram as evidências de que a amputação do pé seccionou os ossos da perna – tíbia e fíbula – com incidência oblíqua, numa linha regular, como a das incisões cirúrgicas. Por acidente, uma amputação com essas características só poderia ser provocada por lâminas metálicas de uma máquina moderna, esmagamento por acidente ou mordida de animal, que deixariam fragmentos ósseos irregulares, jamais um corte oblíquo linear.

Características como o crescimento distal do fêmur do lado amputado, para compensar a redução do comprimento da tíbia e da fíbula, a consolidação parcial entre esses dois ossos da perna (consistente com as fases finais do trauma da amputação) e o comprimento deles comparados aos da perna direita, mostraram que a amputação ocorreu na infância. O processo de remodelação óssea identificado na fíbula permitiu concluir que a cirurgia teria sido realizada de seis a nove anos antes da morte de TB1.

A realização de uma cirurgia dessas proporções sugere que no Pleistoceno tardio, milhares de anos antes do advento da agricultura, numa população de caçadores-coletores que habitavam cavernas, cirurgiões já tinham adquirido conhecimentos anatômicos sobre a disposição topográfica dos músculos, ossos, artérias, veias e nervos dos membros inferiores, que lhes permitiam executar uma intervenção que só se tornaria rotina 30 mil anos mais tarde. Certamente, tal *expertise* não surgiu da noite para o dia, deve ter sido fruto de um longo aprendizado, por acerto e erro, que antecedeu à operação de TB1.

A ausência de sinais de infecção no coto dos ossos amputados mostra que os médicos tinham as noções de assepsia que faltavam aos cirurgiões da Primeira Guerra Mundial. Que anestésicos locais, banhos, desinfetantes e antissépticos de origem vegetal foram empregados? Sem cuidados pós-operatórios adequados TB1 não teria sobrevivido. Numa região montanhosa como aquela da caverna, ele deve ter recebido cuidados fisioterápicos e ajuda da comunidade para se movimentar.

As informações sobre os sistemas de saúde e os procedimentos médicos e cirúrgicos nas comunidades de caçadores-coletores são rudimentares. Estão limitadas à descrição de poções preparadas com plantas medicinais, suturas de lacerações, trepanações cranianas, mutilações genitais como a circuncisão e a remoção do clitóris. Supúnhamos que cirurgias mais complexas não estavam ao alcance dessas sociedades. No entanto, a descoberta de que amputações cirúrgicas já eram realizadas nas cavernas é desconcertante. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

VENES CAITANO

#SOMOSTODOSCAIXA

Somos todos Caixa Econômica Federal, instituição fundamental para a estabilização econômica e para a manutenção do nível do emprego e da renda, vinculados à expansão da demanda agregada do país. O que nos move é o sentimento do abraço que se entrelaça com outros braços para a partilha, o cuidado e o amparo da coisa pública, juntos e misturados com o povo brasileiro.

Classificamos a Caixa Econômica como instituição financeira pública símbolo da competência e sucesso do país. Defendê-la é um ponto de honra. Falamos de um banco com projetos sociais em todo o Brasil. Não imaginamos o nosso país sem um banco com a capilaridade da Caixa, imprescindível para a justiça social. Ser patriota é defender o que é nosso.

A campanha #SOMOSTODOSCAIXA possui a força de uma semente, com raízes, troncos, ramos, folhas, flores e frutos fincados no chão da cidadania do nosso país. A Caixa representa a alternativa que o Brasil deve abraçar para a retomada de um desenvolvimento saudável e sustentável, com oferta de crédito e investimentos públicos em habitação, saneamento e infraestrutura.

A valorização de todas as empregadas e todos os empregados do banco poderá ajudar o Brasil a reinventar-se na perspectiva de mais democracia e mais participação popular.

Nosso movimento sonha e se mobiliza para fazer um país que nos traga de volta a alegria e o orgulho de ser brasileiro. Assim é a campanha #SOMOSTODOSCAIXA, cujo saldo registra a vontade do pessoal do banco em abraçar um Brasil mais público e mais social.

O Pessoal da Caixa abre os braços
pra junto com o povo brasileiro fazer este país
Campanha da FENAE em defesa da Caixa pública e social
e da valorização do Pessoal da Caixa